

PANATHLON INTERNATIONAL

N 1 2026



ESPECIAL SIMPÓSIO E IA
ESPECIAL OLIMPÍADAS



ESPECIAL SIMPÓSIO E IA

- 7 Como combinar a inteligência artificial com o Movimento Olímpico?
por Vincenzo Martucci
- 10 Inteligência artificial e valores olímpicos. Desafios e oportunidades
por Antonio Palmieri
- 12 Inteligência artificial e virtudes éticas no esporte
por Ian Robertson
- 14 Como o COI está transformando a inteligência artificial em um impacto concreto para o esporte
por Alejandro Merino
- 16 Scentelhas do olimpismo: acender o futuro com Coubertin, a inteligência artificial e a educação para os valores olímpicos
por Stephan Wassong e Hilla Davidov
- 18 IA e Esportes Olímpicos: inovação do campo à saúde do ser humano
por Emanuele Frontoni
- 20 O papel da IA nas iniciativas de integridade no esporte
por Giuseppe Deleonardis
- 23 Inovação tecnológica e valores esportivos no centro de um debate de grande atualidade
por Bianca Gama Pena
- 25 IA e o Arquivo Olímpico: preservar e compartilhar um legado vivo
por Sabine Haller-Neumann

POSITION PAPERS PI

- 26 De Coubertin (1894) a Coventry (2025): mulheres, jovens, inovação e inteligência artificial na redefinição do Movimento Olímpico
por Ana Miragaya, Bianca Gama Pena e Antonio Bramante

ESPECIAL OLIMPÍADAS

- 29 O QUE SÃO AS OLIMPÍADAS?
por Livio Guidolin
- 35 No Panathlon Club Ferrara, os Jogos são contados por quem os viveu no trabalho
- 37 Panathlon e Jogos Paraolímpicos em Milão-Cortina 2026: a força além de todos os limites
A mensagem do governador Stefano Ripanti em Milão
- 38 Uma carta de gratidão à Itália
por Fabio Figueiras

REFLEXÕES

- 41 Áreas geográficas do planeta que se tornaram agora off limits
Artigo-entrevista com o ex-piloto de motociclismo Gregorio Lavilla
por Luca Ginetto
- 43 Para o Panathlon, é hora de refletir
por Paolo Pizzi e Domenico Ubaldi

• 45 ANIVERSÁRIOS QUE CONTAM O PANATHLON

• 47 NOTÍCIAS DO MUNDO



Panathlon International
Número 1 2026

Diretor responsável:
Filippo Grassia

Editora:
Panathlon International

Diretor editorial:
Giorgio Chinellato, Presidente do P.I.

Coordenação:
Emanuela Chiappe

Traduções: IA

Direção e Redação:
Via Aurelia Ponente 1,
Villa Queirolo 16035 Rapallo (ITÁLIA)
Tel. 0185 65295 - Fax 0185 230513

Internet:
www.panathlon-international.org
e-mail:
info@panathlon.net

Registro no Tribunal de Gênova n.º
410/58 de 12/3/1969 Trimestral -
Envio por assinatura postal 45% - Art.
2, parágrafo 20/B da Lei 662/96 -
Poste Italiane S.p.A. - Filial de Gênova

Inscrito na União da Imprensa
Periódica Italiana

www.panathlon-international.org



O Panathlon International cada vez mais forte

por Giorgio Chinellato, Presidente do Panathlon International

Os primeiros meses de 2026 foram marcados não apenas pela presença do Panathlon International nas Olimpíadas e Paraolimpíadas de Milão-Cortina, mas também por outras iniciativas e eventos importantes, repletos de satisfações para todo o Movimento.

As atividades ordinárias começaram com a participação na noite dedicada pelo Clube de Milão ao presidente do CONI, Luciano Buonfiglio.

Juntamente com Simona e Monica, estivemos presentes em Roma no primeiro encontro com os participantes do projeto Erasmus+ YOULEAD, acompanhado pelo amigo Fabio Figueiras, projeto do qual o Panathlon International é líder.

Em seguida, foi organizada uma reunião dedicada aos Governadores e Presidentes de Clubes, presencialmente em Rapallo e remotamente, para apresentar o projeto de Formação, que consideramos fundamental para o nosso futuro e para o nosso crescimento, e que já havia sido apresentado aos Presidentes dos Distritos em dezembro passado.

Foi um dia intenso de trabalho, na minha opinião importante e frutífero, pois ofereceu a oportunidade de trocar e compartilhar muitas ideias e projetos, não apenas em matéria de formação, mas também com vistas às propostas de alteração do Estatuto, com especial atenção às sugestões recebidas dos Clubes italianos e de outros países. Essas contribuições permitiram posteriormente ao Conselho Internacional elaborar e redigir as propostas que serão examinadas durante a Assembleia Extraordinária de Gand.

Organizar um encontro dedicado aos nossos dirigentes italianos foi uma novidade e creio poder afirmar que, não apenas para o Conselho Internacional, mas também para todos os participantes, a quem agradeço, foi uma ocasião agradável para estreitar os laços pessoais, além de dar a conhecer e visitar a nossa sede e a equipe da Secretaria.

E assim chegamos à abertura das Olimpíadas de Milão-Cortina.

Considero que, também no que diz respeito às Paralimpíadas subsequentes, além dos grandes resultados esportivos, não apenas dos atletas medalhados, foi um sucesso sob todos os pontos de vista.

A organização foi aprovada com nota máxima, inclusive no que se refere às instalações e à logística, demonstrando grande capacidade organizacional.

Tudo isso “temperado” pelo fato de que os eventos ocorreram em um cenário único, que deixou maravilhados e admirados todos os participantes presentes, não apenas os estrangeiros.

Pessoalmente, tive a honra e o prazer de ser admitido na Família Olímpica e Paraolímpica e, assim, pude vivenciar ao vivo, “no campo”, muitos desses eventos, com a oportunidade de ter alguns encontros importantes com personalidades não apenas do mundo esportivo.

Entre tantos, encontrei o Dr. Stefano Domenicali, os principais dirigentes do CONI, e pude participar de um evento organizado pelo CIFP, na presença do Presidente Sunil Sabharwal, de S.A.S. Alberto de Mônaco e do presidente da Federação Internacional de Bobsleigh e Skeleton, o panatleta Ivo Ferriani, para celebrar e reconhecer o Prêmio Fair Play em homenagem à história e à memória do mítico Eugenio Monti.

No geral, foi um verdadeiro prazer estar presente nestes Jogos, apreciando a paixão dos torcedores e entusiastas vindos de todo o mundo e podendo admirar feitos atléticos de altíssimo valor.

Mas estes Jogos foram também uma importante oportunidade para muitos de nossos sócios, que colaboraram como voluntários.

Todas essas pessoas, pelo que pude ver, foram fundamentais, em suas diversas funções e atribuições, para o sucesso dos Jogos.

Em nome de todo o Panathlon International, agradeço a todos pelo que fizeram, com verdadeiro espírito de serviço e paixão, como autênticos Panatletas.

Nesta edição da revista, vocês encontrarão alguns depoimentos importantes.

E o dia 12 de fevereiro de 2026 representa uma data muito importante, não apenas para o Panathlon. Após meses de intenso trabalho, acompanhado pelo nosso ex-presidente Pierre Zappelli e pela Secretaria, a quem agradeço, concretizou-se um projeto que havíamos concebido com outros três de nossos parceiros já durante as Olimpíadas de Paris e que pudemos apresentar ao COI. O Comitê Olímpico Internacional, tendo apreciado a ideia e o tema escolhido, indicou o Panathlon International como principal interlocutor.

Juntamente com a ISOH, a CIPC e a CIFP, como convidados da Região da Lombardia, organizamos o Simpósio dedicado a “Valores Olímpicos e Inteligência Artificial”.

O Simpósio contou com importantes intervenções e um painel moderado por Zappelli, que teve grande participação tanto presencial quanto remotamente, graças também a um sistema de tradução simultânea que insistimos fortemente para que fosse implementado e que será utilizado também durante o Congresso e as Assembleias em Ghent.

Encerrado o período olímpico, fomos convidados para a Assembleia do Distrito da França em Nice.

No que me diz respeito, além do prazer de conviver com nossos dirigentes, foi uma oportunidade para aprofundar as dinâmicas da atividade panatlética na França.

Agradeço ao Presidente do Distrito da França, Marc Rozenblat, e a todos os presentes também pela calorosa recepção que me reservaram.

As atividades da Fundação Chiesa também continuaram, com a tomada de decisões importantes destinadas a melhorar e promover o conhecimento desta nossa excelência cultural que, infelizmente devo salientar, nem todos conhecem.

Além de ter participado, também graças à cortesia e disponibilidade dos Conselheiros Internacionais, que muitas vezes me substituíram e representaram, em muitos encontros conviviais e no Panathlon Ski em Folgaria, após receber a disponibilidade e a proposta do Clube de Veneza, deu-se início ao projeto e à organização do Flambeau d'Or, lembrando que este ano celebraremos nossos primeiros 75 anos desde a fundação, ocorrida em Veneza em 12 de junho de 1951.

Teremos um primeiro momento de comemoração em Gand, mas, conforme decidido pelo Conselho Internacional, que acolheu com prazer a proposta dos amigos venezianos, o evento principal será a entrega do Flambeau d'Or, justamente por se tratar de uma edição especial: pelos nossos 75 anos, por ser um ano olímpico e pela localização veneziana proposta, que representa uma excelência entre as muitas que poderiam ter sido escolhidas em Veneza.

O encontro está marcado para sábado, 19 de setembro.

Anotem a data, pois será não apenas significativo, mas também agradável e interessante estar presente, inclusive pelas iniciativas culturais relacionadas.

Outro momento importante deste período foi a Assembleia do Distrito da Itália em Brescia.

Tive o prazer de participar com os Conselheiros Gerevini e Laganà, para poder encontrar e conversar com nossos dirigentes. Não se tratou apenas de comparecer e dar uma saudação formal.

A oportunidade de nos dedicarmos aos temas propostos, inclusive com referência ao relatório do Presidente Costa e às muitas intervenções interessantes, nos permitiu compartilhar algumas decisões e, com os Conselheiros Internacionais presentes, espero que também este encontro, que considero positivo, nos permita fortalecer as relações entre o Panathlon International e o Distrito da Itália, tal como mutuamente desejamos durante meu recente encontro com o Presidente Costa em Rapallo.

Fiquei muito satisfeito em receber e encontrar, juntamente com o Vice-Presidente Adjunto Giulieri, em nossa sede em Rapallo, o Presidente do Distrito da Suíça e do Principado do Liechtenstein, Peter Wütrich, acompanhado por uma delegação do Distrito.

Após apresentar a esses amigos a equipe da Secretaria e nossos escritórios, dedicamo-nos a uma reunião para aprofundar, mutuamente, o conhecimento das atividades do Distrito da Suíça e do Panathlon International.

O dia foi encerrado com uma troca formal de intenções entre o Distrito da Suíça e o Distrito da Itália.

Durante todo esse período, realizamos algumas reuniões do Conselho Internacional e do Conselho de Presidência, tanto para acompanhar as atividades ordinárias quanto para promover alguns novos projetos e organizar o Congresso e as Assembleias de Gante.

A esse respeito, devo agradecer a toda a Comissão de Cultura, Pesquisa e Educação pelo valioso trabalho de estudo dos temas a serem tratados, pela escolha dos palestrantes e pela troca de ideias e projetos voltados para organizar e gerenciar da melhor forma esse importante momento cultural, além do Projeto Poster, que contou com a adesão de nada menos que 47 Clubes, superando todas as expectativas.

Todos esses trabalhos serão posteriormente reunidos em um e-book elaborado pela Fundação Chiesa. Em conexão com tudo isso, foi acompanhada a organização geral do evento de Ghent: por um lado, a importante ideia do prêmio dedicado à memória do ex-presidente do COI, Jacques Rogge; por outro, as Assembleias ordinária e extraordinária subsequentes, bem como a entrega do Prêmio de Comunicação. Tive o prazer de participar em Bruxelas do Dia Mundial do Fair Play, organizado pelo Panathlon International, CIFP e EFPM, bem como pelo Distrito da Bélgica e pelo Panathlon Club Wallonie-Bruxelles.

Concluo este editorial, que pode parecer uma espécie de “lista de compras”, mas considero importante compartilhar com todos os Panatletas o que acontece e é realizado diariamente por todo o nosso Movimento.

A esse respeito, quero citar o valioso trabalho que está sendo feito e proposto pelos amigos americanos com o Conselheiro Carlos De León.

E os resultados são visíveis.

Desde o início do ano, inauguramos três novos Clubes no Brasil e um quarto está a caminho, assim como no México.

Com a valiosa intervenção do Conselheiro Internacional Perin, inauguramos novos Clubes na Eslovênia, em Liubliana; depois, com a colaboração do Governador Ripanti, inauguramos o primeiro Clube na Hungria e estamos prestes a chegar a Pula e Split, na Croácia. Assim, estaremos presentes em mais dois países.

O panorama dos Clubes Juniores também demonstra uma tendência positiva.

Após as recentes inaugurações, no final de 2025, em Veneza e a reabertura de Crema, registramos o nascimento dos Clubes Júnior de Vicenza e Trapani.

Vamos todos juntos dar as boas-vindas a esses jovens, nos quais devemos apostar, envolvendo-os também nas atividades dos Clubes Sênior.

*Por fim, quero dedicar uma lembrança a um grande homem.
Um atleta mundial que, com sua história, seus sucessos
e suas mensagens, permanecerá para sempre um exemplo não
apenas no mundo paralímpico.*

Um amigo do Panathlon International.

Olá, Alex, obrigado por tudo.

*Um abraço aos seus entes queridos, que nestes anos
o acompanharam com carinho e amor familiar.*

Obrigado pela atenção e, depois de Gand, nos vemos em Veneza.



A TRÉGUA OLÍMPICA, UM FALSO MITO

Em memória de Nelson Mandela, património do Panathlon

por Filippo Grassia, Diretor Responsável da Revista da Panathlon International

Existem mitos, transmitidos de geração em geração, que não têm qualquer relação com a realidade e são evocados sem que se conheçam as suas origens e o seu conteúdo. Quantos de nós, referindo-nos às guerras em curso durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Inverno de Milão-Cortina 2026, já dissemos: «Na Grécia antiga, as guerras paravam durante os Jogos».

Não era assim, segundo a reconstrução histórica contada por Giuseppe Zanetto no livro publicado há poucos meses com o título: «Polemos, a Guerra na Grécia». A trégua olímpica, como erroneamente acreditamos, é um falso mito. Na resenha desta obra, Mauro Berruto escreve: «A Grécia antiga, aquela a quem atribuímos a ideia da trégua olímpica, não era de forma alguma uma civilização que interrompia excepcionalmente a guerra para celebrar o desporto. Naqueles tempos e naqueles lugares, a guerra representava uma condição estrutural da existência. As pólis nascem para defender a sua identidade, crescem em competição, vivem num equilíbrio instável, feito de alianças provisórias e hostilidades latentes ou explícitas».

E, portanto, o oplita não é um militar profissional, é o cidadão em armas. A paz é um parêntese».

É preciso, então, atribuir um significado diferente à ekecheiria, que vai além do significado etimológico «baixemos as mãos». Não se tratava de um manifesto pacifista, da vontade de pôr fim a um ou mais conflitos, mas de uma suspensão temporária das guerras em curso. Do livro de Zanetto depreende-se uma história diferente da interpretação modernista. «Aquilo a que chamamos trégua olímpica não era mais do que um passe para garantir o desenrolar dos Jogos, a segurança dos atletas e a deslocação dos espectadores (cerca de 40 a 50 mil por edição) com destino a Olímpia. As guerras continuavam, não paravam, mas eram geridas para salvaguardar os Jogos com todo o seu conteúdo e respeitar o espaço sagrado de Olímpia, que naqueles períodos se tornava centro de diplomacia e não representava, portanto, apenas uma área dedicada ao desporto. Nenhuma guerra parou jamais, muito menos a do Peloponeso. E Esparta, que violou esta regra cívica e religiosa em simultâneo, foi excluída dos Jogos de 420 a.C.».

Num outro livro, Mario Pescante, ex-presidente do CONI e conceituado ministro dos Negócios Estrangeiros do COI, escreveu que os fenómenos degenerativos de hoje já existiam naquela época: violência dos adeptos, os ultras de hoje, corrupção entre os atletas, prémios exorbitantes aos vencedores, até mesmo casas, uso de substâncias dopantes, concorrência implacável entre as várias cidades para contratar os melhores, tal como no mais implacável mercado de transferências do futebol. E em 354 a.C.

ocorreu um episódio que parece o prelúdio do que aconteceu em 1972 em Munique com o atentado terrorista palestino que provocou a morte de 11 atletas israelitas, 2 alemães e 5 terroristas. Naquela altura, houve um combate sangrento no recinto dedicado a Zeus. Um sacrilégio. Com a diferença de que os Jogos Olímpicos modernos continuaram, enquanto os antigos foram interrompidos, ou melhor, cancelados. Nesta escolha, há uma lição que não faz mal. Permanece o valor do desporto como momento de coesão, mas também de rivalidade.

A este respeito, vale a pena recordar como Nelson Mandela — presidente da África do Sul de 1994 a 1999, após ter passado 27 anos na prisão por ter combatido o apartheid e pregado uma democracia multirracial — considerava o desporto como o paradigma de um mundo melhor. No dia em que vestiu a camisola número 6 de François Pienaar, ele fez com que a sua nação compreendesse que o râguebi não era apenas dos brancos. «O desporto — gostava ele de dizer — tem o poder de mudar o mundo. É a ponte mais sólida para unir os povos». Ele, Nelson Mandela, um verdadeiro panatleta.

Como conjugar a inteligência artificial com o Movimento Olímpico?



Realizou-se em Milão o Simpósio organizado pelas quatro associações do COI dedicadas à ética e à cultura: Panathlon International, Society of Olympic Historians, Pierre de Coubertin Committee e Fair Play Committee

por Vincenzo Martucci

Como gerir a delicada relação entre inteligência artificial, ética e o movimento olímpico? Como ser responsável na utilização das tecnologias, mantendo firme a educação nos valores olímpicos, mas aproveitando a IA na investigação, na formação e na inovação no âmbito desportivo? Como evitar riscos perigosos de desequilíbrio entre o homem e a máquina? Como otimizar as extraordinárias capacidades da IA de análise e velocidade de execução para salvaguardar os valores olímpicos?

Por ocasião dos preparativos para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Inverno Milão-Cortina 2026, o Simpósio Internacional «Valores Olímpicos e Inteligência Artificial» lançou estas questões de grande atualidade a 12 de fevereiro de 2026, em Milão, no Palazzo Lombardia. O evento — promovido também pelo Panathlon International, representado pelo Presidente Giorgio Chinellato, pelo Conselheiro Fabiano Gerevini, pelo Ex-Presidente Pierre Zappelli e pelo Presidente do Panathlon Milão, Filippo Grassia — foi organizado em conjunto com outras entidades internacionais ligadas ao desporto e aos valores olímpicos: Society of Olympic Historians (ISOH), Pierre de Coubertin Committee (CIPC) e Fair Play Committee (CIFP).



PARTERRE DE ROI

Durante o dia, moderado por Gary Rhodes (California State University, Dominguez Hills), realizaram-se três painéis temáticos: Educação para os valores olímpicos e IA – com especialistas como Hilla Davidov e Stephan Wassong; IA ética e responsável – com Emanuele Frontoni, Bianca Gama Pena e Pierre Zappelli; moderação de Izabella de Besseney; Preservação e difusão do património olímpico através da IA – com Sabine Haller-Neumann e Christian Wacker sobre: educação para os valores olímpicos e IA ética e responsável e conservação e difusão do património olímpico através de ferramentas inteligentes.

SEGURANÇA

Entre as intervenções mais significativas e estimulantes, destacam-se as de Giuseppe Deleonardis, chefe do setor de ética e conformidade do COI, e do professor Emanuele Frontoni, catedrático de Informática na Universidade de Macerata e codiretor do VRAI Vision Robotics & Artificial Intelligence Lab. Frontoni precisou: «Na linha do espírito olímpico, fundado nos valores universais de excelência, respeito e amizade, a inovação tecnológica representa hoje uma nova fronteira de progresso partilhado. A integração da Inteligência Artificial nos desportos olímpicos não se configura exclusivamente como um instrumento de otimização do desempenho atlético ou de análise avançada de dados, mas como um ecossistema facilitador que promove a equidade competitiva, a transparência decisória e a segurança dos atletas. Com sistemas de visão computacional, modelos preditivos e plataformas de análise biomecânica que contribuem para reduzir o risco de lesões, melhorar a precisão das avaliações arbitrais e garantir padrões cada vez mais elevados de proteção da integridade desportiva».

SPORT-LABORATÓRIO

A utilidade da Inteligência Artificial é fundamental na prática do desporto moderno. O professor Frontoni salientou: «As soluções desenvolvidas no contexto desportivo, caracterizadas por elevada precisão sensorial, capacidade de monitorização em tempo real e análise preditiva em grande escala, geram repercussões significativas no setor da saúde e nos serviços de assistência social.

As tecnologias criadas para a análise do gesto atlético encontram aplicação na reabilitação motora, no monitoramento de patologias crônicas, na prevenção de quedas em idosos e em sistemas de assistência domiciliar inteligente.

Da mesma forma, os algoritmos de otimização e gestão do desempenho podem apoiar o planeamento de percursos terapêuticos personalizados e a alocação eficiente de recursos nos sistemas de assistência social. Nesta perspetiva, o espírito olímpico renova-se como paradigma de inovação responsável: o desporto torna-se um laboratório avançado de tecnologias que, no respeito pela ética e pela dignidade humana, contribuem para a melhoria da qualidade de vida, a promoção da saúde e o reforço da coesão social”.

A VOZ DO COI

Giuseppe Deleopardis, diretor de Ética e Conformidade do COI, sublinhou: «A IA tornou-se uma força determinante no desporto global. Mas a verdadeira questão é garantir que ela reforce — e não enfraqueça - a equidade, a transparência, a responsabilidade e a imprevisibilidade dos resultados. Quando as competições são autênticas, a confiança prospera; se os resultados são manipulados ou percebidos como artificialmente influenciados, a confiança perde-se imediatamente”.

Vulnerabilidades e governação

Sem uma governação ética, a IA pode amplificar as vulnerabilidades. As principais questões críticas dizem respeito a:

- Corrupção: a IA ajuda a identificar irregularidades, mas também pode ser instrumentalizada.
- Manipulação das competições: sistemas inteligentes monitorizam os mercados de apostas e padrões anómalos, passando de um controlo reativo para um preventivo.
- Integridade arbitral: a IA deve permanecer como um auxílio e ser explicável, nunca substitutiva.
- Proteção dos atletas: a IA pode detetar abusos digitais, mas sempre no respeito pela privacidade, transparência e proporcionalidade.

O COI adotou uma Agenda Olímpica sobre IA para garantir a coerência com os valores olímpicos, proteger os atletas e reforçar a integridade. Ferramentas conversacionais ajudam o pessoal a orientar-se entre normas complexas, facilitando a conformidade sem substituir o julgamento humano.

A nível global, através do IPACS, as federações, os comités olímpicos e os governos partilham práticas éticas e normas comuns.

O Integrity Betting Intelligence System (IBIS) monitoriza os mercados de apostas com o apoio da IA e a cooperação da INTERPOL, prevenindo manipulações. Nos Jogos de Paris 2024, sistemas de monitorização identificaram e sinalizaram milhares de conteúdos ofensivos contra atletas e oficiais. A tecnologia reforça a vigilância, mas as decisões continuam a ser humanas.

BRILHO BRASILEIRO

Muito envolvente foi também a intervenção da Dra. Bianca Gama Pena, professora e investigadora de inovação e gestão do desporto na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que demonstrou como a inteligência artificial pode potenciar a igualdade de género, o protagonismo juvenil e o desporto inclusivo, reforçando os valores olímpicos. Entre os pontos principais:

1. IA e Igualdade de Género no Desporto. Personalização fisiológica: a IA processa dados específicos da fisiologia feminina para nutrição, recuperação e prevenção de lesões. Descoberta de talentos: o scouting orientado pela IA identifica atletas promissoras ignoradas pelas redes tradicionais. Visibilidade mediática: destaques e conteúdos automáticos aumentam a presença dos desportos femininos online, favorecendo patrocinadores e envolvimento.

2. Incentivar a Participação Juvenil. Treino democratizado: aplicações de IA oferecem feedback técnico profissional a crianças e jovens em áreas desfavorecidas. Envolvimento imersivo: RA/RV e plataformas como o Roblox permitem experiências desportivas virtuais interativas, como o projeto «Olympic World» dos Jogos de Paris 2024.

3. Promover a inclusão. Inovação no para-desporto: a IA otimiza próteses e análises biomecânicas para atletas adaptativos. Ferramentas de acessibilidade: traduções em tempo real e descrições áudio tornam os eventos inclusivos para pessoas com deficiência. Redução de preconceitos: sistemas de avaliação objetivos melhoram a equidade em competições como a ginástica e os saltos ornamentais.

4. IA e Valores Olímpicos. Excelência: a IA ajuda cada atleta a atingir o seu máximo potencial. Equidade e respeito: apoia a arbitragem e os sistemas antidoping para um campo de jogo limpo e justo.

5. Desenvolvimentos Futuros. «Predictive League Office» para prevenir a desistência dos fãs e problemas de saúde. Arbitragem autónoma para decisões objetivas em tempo real. Gémeos digitais: modelos virtuais para simular competições e recuperação sem esforço físico.

6. O Elemento Humano no Centro. A IA no desporto não substitui o atleta, mas amplifica a equidade, a inclusão e a personalização, mantendo sempre o espírito olímpico: determinação, emoção e história humana. Mesmo em desportos como o futebol, o modelo mais realista será híbrido: árbitros humanos apoiados pela IA para decisões objetivas, preservando a alma do jogo.

«A IA no desporto não substitui o atleta, mas amplifica a equidade, a inclusão e a personalização: desde o treino de jovens até à visibilidade feminina, passando pela otimização do desempenho e dos valores olímpicos, mantendo sempre o elemento humano no centro.»



Inteligência artificial e valores olímpicos. Desafios e oportunidades.

A entrevista de Antonio Palmieri, cofundador e presidente da Fundação Pensiero Solido, que esteve durante 21 anos na Câmara dos Deputados, a Pierre Zappelli, ex-presidente do Panathlon International

Caro Antonio Palmieri, felicito-me o seu interesse pelo desporto e pelos valores que este transmite.»

Com estas palavras, Pierre Zappelli, suíço francófono e presidente do Panathlon International até 2024, aceitou o meu convite para dialogar sobre inteligência artificial e valores olímpicos.

Presidente Zappelli, no passado dia 12 de fevereiro, na Região da Lombardia, organizou o simpósio conjunto «Olympic Values & Inteligência Artificial». De onde surgiu a ideia?

«Escolhemos o tema da inteligência artificial tendo em conta o seu impacto crescente na sociedade e, mais precisamente, no desporto, com especial atenção às repercussões nos valores éticos e educativos promovidos pelo Movimento Olímpico.»



O que quer dizer quando diz «nós»? Imagino que não se trate de um plural majestático e creio que se refere ao facto de se tratar de um simpósio conjunto...

«Em 2024, durante os Jogos Olímpicos de Paris, quatro organizações, todas reconhecidas pelo COI — o Comité Internacional Fair-Play (CIFP), o Comité International Pierre de Coubertin (CIPF), a Sociedade Internacional de Historiadores Olímpicos (ISOH) e o Panathlon Internacional (PI) — reuniram-se para se conhecerem melhor e destacar os seus objetivos comuns. O simpósio é o primeiro resultado público desse trabalho conjunto.»

Que papel vê para a inteligência artificial, no presente e no futuro do Movimento Olímpico?

«Permita-me uma observação de carácter geral antes de responder a esta pergunta...»

Por favor...

«Sempre que surge uma nova tecnologia, esta suscita receios. O mesmo acontece, obviamente, hoje com a inteligência artificial.»

Está mais preocupado ou mais curioso?

«Prefiro considerar que as vantagens superam as potenciais desvantagens, que uma utilização ética da IA deverá permitir evitar. Trata-se de estudar, e isso está a ser feito, de que forma a inteligência artificial pode ajudar o Movimento Olímpico, facilitando o acesso ao conhecimento e à educação para os valores éticos e à prevenção, à deteção e, se necessário, à repressão de comportamentos contrários aos valores do desporto. Um dos relatórios de 12 de fevereiro analisou especificamente a contribuição da IA na luta contra a corrupção. Compreendemos se e em que medida a inteligência artificial nos pode ajudar a analisar, prever e corrigir comportamentos contrários ao espírito do desporto e às regras do Fair Play.»

Primeiro vem a consciência de quem somos e do que queremos e, a partir daí, segue-se o bom uso da tecnologia. A este respeito, se pudéssemos projetar do zero um ecossistema olímpico que integrasse a IA, como seria, que regras estabeleceria em primeiro lugar e porquê?

«Os princípios fundamentais do Movimento Olímpico — a criação de um estilo de vida baseado na alegria do esforço, o valor educativo do bom exemplo, a responsabilidade social, o respeito pelos princípios éticos fundamentais universais e a ausência de qualquer forma de discriminação ou fraude — ditam a resposta a esta questão. A credibilidade do Movimento Olímpico depende do rigoroso respeito por estes princípios. Isto aplica-se igualmente à utilização da inteligência artificial, que é um instrumento que vem em segundo plano em relação ao respeito por estes valores e deve estar ao seu serviço.»

Que valores olímpicos a IA pode reforçar e quais corre o risco de minar?

«O bom uso da inteligência artificial é, naturalmente, fundamental para proteger a privacidade, a autonomia das pessoas, a segurança, a transparência e a inclusão, e é obviamente essencial para promover a ética no desporto. Simul stabunt.»

A propósito da IA no desporto de alto nível. A inteligência artificial corre o risco de transformar o desporto num laboratório de dados ou pode tornar-se uma aliada para devolver a centralidade à pessoa?

«No desporto de alto nível já existem inúmeros exemplos de utilização da IA. Pense-se, por exemplo, na sua aplicação no ténis, onde a inteligência artificial permite determinar a trajetória da bola, o que representa um progresso indiscutível para os árbitros.

Se a IA permite eliminar, sem perda de tempo, os erros devidos à imperfeição humana, por exemplo, precisamente na arbitragem, não vejo senão vantagens. É obviamente importante que estas vantagens sejam acessíveis sem discriminações.»

Qual é a diferença entre «treinar melhor» graças à IA e «tornar-se dependente» de um sistema que decide o que é melhor para nós?

“No que diz respeito ao treino, a última palavra deve caber ao atleta, auxiliado pela sua equipa técnica, que decide em última instância. A IA não pode nem deve «decidir». No desporto, tal como nas outras atividades humanas. A inteligência artificial não deve transformar o desporto num mero laboratório de dados, mas sim tornar-se um aliado para devolver a centralidade à pessoa.”

Centralidade que é a essência de qualquer tipo de desporto.

«Exatamente. Era assim na época dos jogos da Grécia Antiga e continua a ser assim na era da inteligência artificial.»

Inteligência artificial e virtudes éticas no desporto

Resumo do discurso de abertura de Ian Robertson

Não há dúvida de que a IA e outras tecnologias baseadas em dados utilizadas nos desportos organizados estão a ajudar os atletas a estar à altura dos atributos da excelência humana consagrados no lema olímpico tripartido original: «Mais rápido, mais alto, mais forte». Uma gama cada vez mais ampla de sistemas e aplicações baseados em IA é utilizada para apoiar os desportistas, desde a análise de desempenho baseada em dados e a modelação preditiva de lesões até às aplicações concebidas para otimizar os regimes de treino.

Utilizando essas tecnologias, é possível construir modelos detalhados do comportamento dos adversários.

Além disso, as simulações baseadas em IA oferecem aos atletas ambientes de jogo animados e interativos nos quais podem praticar técnicas e explorar estratégias táticas alternativas sem correr o risco de lesões.

Vivemos naquilo que muitos investigadores costumam definir como «a era da IA», e essas tecnologias estão a transformar áreas da atividade humana tão diversas e importantes como a ciência, o direito e as finanças. O desporto organizado não é exceção.

No entanto, está a espalhar-se entre o grande público a sensação de que a crescente utilização destas tecnologias transformadoras ameaça privar o desporto (e, em particular, o desporto de competição) de algo importante, algo ligado à sua natureza tipicamente humana. Muitas vezes, essas preocupações são vagas e não especificadas. No entanto, embora fosse demasiado fácil descartar essas preocupações como uma tecnofobia enganadora, fazê-lo revelaria certamente um elitismo indigno das afirmações canónicas sobre os valores olímpicos articuladas por Coubertin e outros: valores que descrevem o desporto como um grande equalizador que pertence a todos nós. No meu discurso de abertura, procurei levar a sério estes sentimentos de que a IA ameaça privar o desporto de algo profundamente humano.



Os filósofos têm-se questionado recentemente se a nossa dependência das tecnologias de IA ameaça desqualificar os especialistas, privando-os de competências e habilidades importantes. Parecem já existir casos em que os profissionais do desporto perderam competências outrora consideradas de grande importância. Por exemplo, alguns defendem que os receptores, devido à dependência de modelos de seleção de lançamentos, viram diminuir a sua capacidade de escolher estratégias de lançamento eficazes. A desqualificação nem sempre é negativa, obviamente. Embora a nossa dependência das tecnologias GPS possa levar a uma perda das capacidades de orientação e a dos chatbots possa levar a uma perda das capacidades de escrita criativa, as tecnologias também podem promover em nós novas competências e habilidades potenciadas tecnologicamente. No desporto, os ciclistas desenvolvem provavelmente uma série de competências relacionadas com as ferramentas de monitorização do ritmo, como a capacidade de estabilizar os seus esforços em tempo real utilizando um feedback numérico.

Mas quando, no desporto, é que a desqualificação deve ser particularmente evitada? Defendi que, ao abordar esta questão, devemos ter em conta os valores olímpicos de Coubertin. Devemos perguntarnos se certas formas de integração tecnológica ameaçam privar os desportistas de competências que encarnam as virtudes no centro do ideal olímpico — virtudes como a coragem, a humildade e o bom senso.

Aponteí vários casos em que se poderia recriar que os sistemas de IA fossem utilizados no desporto de forma não conforme com os valores e princípios fundamentais dos Jogos Olímpicos. Em primeiro lugar, se os desportos de elite dependem de forma tão acentuada de estratégias baseadas em dados e apoiadas pela tecnologia, isso corre o risco de criar (de várias formas) um fosso intransponível entre o próprio tipo de competições praticadas pelos desportos institucionais e as formas de atividade desportiva acessíveis ao grande público.

Isto, por sua vez, poderia exacerbar o que Ankerson denomina o efeito mina de ouro: os processos de seleção elitistas através dos quais os recursos são canalizados para jovens talentos considerados «talentos naturais» poderiam apenas intensificar-se. Além disso, uma vez que os sistemas de IA fornecem os seus resultados através de operações altamente complexas, os operadores poderão ter de depender deles de forma acrítica, e de uma forma substancialmente diferente daquela em que os atletas nos desportos de competição elaboram atualmente estratégias em colaboração com os seus treinadores e colegas de equipa.

A mentalidade olímpica é um resultado conquistado com esforço, e Coubertin não gostaria que a sacrificássemos precipitadamente. Temos de evitar uma tecnofobia generalizada, mas permanecer conscientes da ameaça de sermos privados dos valores e virtudes olímpicos — pelo menos se não quisermos rever radicalmente o que consideramos que as Olimpíadas representam. Temos motivos para ser otimistas — mas temos de manter um olho nas virtudes olímpicas que procuramos preservar.

Como o COI está a transformar a inteligência artificial num impacto concreto para o desporto

por Alejandro Merino – Madrid – Diretor do Departamento de Tecnologia de IA e Informação (COI)

A inteligência artificial já não é um tema do futuro para o Comité Olímpico Internacional. Já está a ser utilizada como uma ferramenta prática para proteger os atletas, melhorar a organização dos Jogos Olímpicos, apoiar as emissoras a melhorar a experiência de visualização e criar um envolvimento mais significativo para os adeptos de todo o mundo. A Agenda Olímpica sobre IA é o roteiro do COI para concretizar tudo isto de forma responsável e em grande escala. Baseia-se numa ideia simples: a tecnologia deve estar ao serviço do desporto, das pessoas e dos valores, e não o contrário.



O trabalho do COI em IA está estruturado em cinco áreas de intervenção: apoio aos atletas, às competições e ao desporto; garantia de acesso equitativo à IA; otimização das operações dos Jogos; envolvimento dos adeptos; e melhoria da eficiência organizacional.

A Agenda Olímpica sobre IA não é teórica. Já está em fase de implementação, com resultados tangíveis em todo o ecossistema olímpico. Com base no quadro apresentado em Milão em fevereiro, o COI atua como pioneiro, catalisador e guardião, desenvolvendo soluções, reunindo parceiros e garantindo que a IA permaneça alinhada com os valores e princípios olímpicos.

Um dos exemplos mais evidentes de implementação bem-sucedida é a proteção dos atletas. O serviço de proteção contra abusos online baseado em IA, implementado durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, foi o maior e mais abrangente serviço deste tipo na história do desporto. O sistema detetou abusos online em grande escala, analisando mais de 2,4 milhões de publicações e sinalizando mais de 152 000, para proteger centenas de atletas e funcionários contra abusos online. É aqui que a IA vai além da simples conveniência e se torna uma ferramenta de proteção, equidade e bem-estar.

Outro objetivo importante do CIO é garantir um acesso equitativo aos benefícios da IA. No Senegal, uma iniciativa de desenvolvimento de talentos baseada na IA avaliou mais de 1.000 jovens atletas e identificou 48 atletas de alto nível, demonstrando como a tecnologia pode ajudar a descobrir potencialidades onde os sistemas tradicionais de observação podem ser limitados. A promessa é poderosa: a IA pode ajudar a ampliar as oportunidades, e não apenas a concentrar as vantagens.

Para os próprios Jogos, a IA está também a tornar-se um acelerador operacional. O COI e os seus parceiros estão a utilizar a digital twinning, que permite um melhor planeamento à distância, ferramentas de gestão energética, modelos de planeamento e assistentes inteligentes para apoiar um processo de tomada de decisões mais eficiente e sustentável. Isto significa menos viagens, melhores previsões e uma utilização mais inteligente dos recursos — aspetos cada vez mais importantes à medida que os Jogos se tornam mais complexos.



Para os adeptos e as emissoras, a IA está a abrir um novo capítulo.

Em Milão-Cortina 2026, a Olympic Broadcasting Services introduziu inovações importantes na filmagem e nos replays potenciados pela IA, incluindo sistemas de replay a 360 graus em tempo real e visualizações estroboscópicas renderizadas em segundos, em vez de horas. Estas ferramentas baseadas na IA ajudam a explicar o desempenho, revelam detalhes técnicos e aproximam o público da ação.

Isto vai além da transmissão, com assistentes de IA, serviços multilingues, pesquisas mais inteligentes nos arquivos e novas ferramentas de conhecimento que estão a ajudar os adeptos, os meios de comunicação e as partes interessadas olímpicas a aceder a informações fiáveis de forma mais rápida e intuitiva.

A direção é clara: a inteligência artificial representa um programa estratégico e transformador para o Comité Olímpico Internacional.

O próximo passo será alargar as soluções que já estão a gerar valor, difundindo os seus benefícios de forma ainda mais abrangente dentro do Movimento Olímpico, mantendo a inovação firmemente ancorada nos Valores Olímpicos.

Enquanto o caminho para Los Angeles 2028 prossegue, a mensagem é simples: o futuro do desporto será mais inteligente, mas continuará a ser profundamente humano.



Faíscas do Olimpismo: iluminar o futuro com Coubertin, a inteligência artificial e a educação para os valores olímpicos

por Prof. Stephan Wassong, Presidente do Comité Internacional Pierre de Coubertin por Dra. Hilla Davidov, Membro do Conselho do Comité Internacional Pierre de Coubertin

O Prof. Wassong iniciou a sua intervenção convidando a reacender a centelha do olimpismo, não apenas como herança histórica de Coubertin, mas como uma ideia viva que enfrenta os desafios da IA e da educação para os valores olímpicos. Definuiu o olimpismo como um conceito visionário, em constante evolução, embora conservando o seu núcleo educativo.

O Comité Internacional Pierre de Coubertin (IPCC), fundado em 1975 por Paul Martin e Jacques Guhl e reconhecido pelo COI em 1984, guarda e interpreta o pensamento de Coubertin. A sua missão traduz os princípios de Coubertin no contexto do século XXI: o desporto como campo de aprendizagem de virtudes como o sucesso, a confiança, a honestidade, o fair play, a tolerância, o altruísmo e o trabalho em equipa, bem como uma plataforma para a compreensão transcultural enraizada nos movimentos pacifistas do final do século XIX.

O olimpismo evoluiu desde a primeira «ideia olímpica» de Coubertin para um quadro maduro, agora ancorado na Carta Olímpica. Desde 2007, o COI estruturou-o em torno de três valores fundamentais: excelência, amizade e respeito, sob os quais se agrupam responsabilidade, solidariedade e comportamento democrático, apoiados por um ecossistema de órgãos de governação, centros de estudos olímpicos, academias, museus e redes como o IPCC, o ISOH, o IFPC e o Panathlon International. A divulgação tradicional baseava-se em conferências, materiais da OVEP, exposições e programas experienciais, mas estes instrumentos tinham um alcance e um ritmo limitados.



IPCC Mission & Relevance

Traditional Role

Historical and educational gatekeeper of Coubertin's profile and educational ideas

Contemporary Mission

Strengthen modern, future-oriented approach to Olympism

«To translate Pierre de Coubertin's educational leitmotifs into our times, in order to strengthen an objective identification with Coubertin as founder of the Olympic Movement and promoter of sport as an educational tool for character development, social change, and transcultural respect» (Statute of the IPCC)



Partindo deste ponto crucial, a Dra. Davidov aprofundou as estratégias de divulgação. Coubertin, estrategista e filósofo, utilizou deliberadamente os principais meios de comunicação da sua época: discursos, artigos e instituições para divulgar o olimpismo. A era digital atual introduz a inteligência artificial como meio dominante, conceptualizada como «A Tocha de Silício»: baseada no silício, orientada por dados e alimentada por algoritmos, um poderoso vetor de valores de geração em geração, mas intrinsecamente desprovida de direção sem uma orientação normativa. Não se trata de um desvio do olimpismo, mas da sua evolução natural através dos instrumentos de transmissão mais eficazes de cada época.

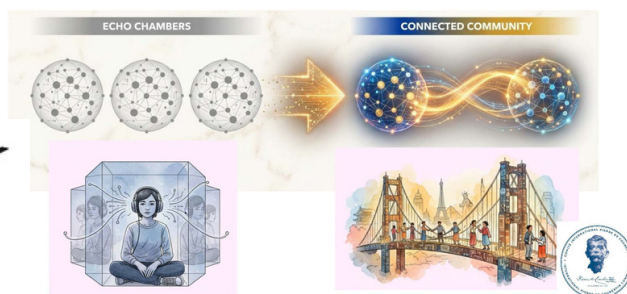
Os três valores olímpicos fornecem a bússola da IA. A excelência, no sentido de Coubertin de «alegria do esforço» em vez de vitória a todo o custo, exige que a IA atue como um treinador socrático, estimulando perguntas mais profundas, feedback direcionado e crescimento de caráter, em vez de eliminar a luta produtiva essencial à formação humana. A amizade, entendida como doutrina de fraternidade e reconhecimento mútuo, semelhante ao «Eu sou porque tu és» do Ubuntu, desafia a IA a tornar-se uma ponte entre culturas e perspetivas, em vez de reforçar as câmaras de ressonância digitais, permitindo que estudantes de todo o mundo encontrem os valores olímpicos em tempo real. O respeito traduz o fair play e a dignidade humana em preocupações com a justiça algorítmica, a privacidade, a transparência e a responsabilidade, para que a IA se torne uma escada para todos, em vez de um guardião para poucos.

Se não for controlada, a IA corre o risco de alimentar uma «cultura dos atalhos» que corrói o pensamento crítico e o poder formativo do esforço. Se utilizada de forma responsável, pode ampliar o acesso a uma educação de alta qualidade e sem fronteiras aos valores olímpicos. Os recursos tradicionais do IPCC, os escritos de Coubertin, a investigação histórica, os materiais do Centro de Estudos Olímpicos e os programas OVEP deveriam, portanto, inspirar os sistemas de IA, garantindo que a tecnologia esteja ao serviço da pedagogia em vez de a ofuscar.

O Prof. Wassong concluiu delineando a abordagem do IPCC à IA: integrá-la no perfil educativo do comité para reforçar a sua visibilidade moderna, mantendo-se fiel aos fundamentos de Coubertin. Isto requer sinergias entre o COI e as suas fundações, as academias olímpicas e os centros de estudos, os comités Coubertin nacionais e internacionais, a ISOH, a IFPC e o Panathlon International. Apenas uma gestão coletiva pode garantir que a IA aprofunde, em vez de diluir, o espírito vivo do olimpismo. Em última análise, o Olimpismo perdura não apesar da evolução tecnológica, mas através de uma adaptação orientada para os valores. A inteligência artificial pode fornecer uma tocha potente, mas os seres humanos continuam a ser os portadores da tocha.

A questão decisiva não é, portanto, quão brilhante é a chama, mas para onde e para quem está destinada a brilhar.

AI: Bridge or Echo Chamber?



IA e Desportos Olímpicos: inovação do campo à saúde do ser humano

Intervenção do Prof. Emanuele Frontoni, Professor de Informática na Universidade de Macerata e codiretor do VRAI Lab



A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO PILAR DO APOIO AO DESPORTO MODERNO

O desporto olímpico representa hoje um dos laboratórios mais avançados para a aplicação da inteligência artificial. A IA já não é um elemento acessório, mas um fator facilitador que permeia todas as dimensões da preparação atlética: desde a análise biomecânica do gesto técnico, passando pela monitorização fisiológica em tempo real, até à prevenção de lesões e ao planeamento das cargas de treino.

Sistemas de visão computacional, aprendizagem automática e análise preditiva são hoje integrados nas rotinas diárias de atletas de elite, permitindo que os técnicos tomem decisões baseadas em dados objetivos, em vez de apenas na experiência subjetiva. A digitalização do corpo em movimento — através de sensores vestíveis, câmaras de alta velocidade e algoritmos de estimativa de poses — abriu cenários impensáveis até há poucos anos.

DO DESPORTO À SAÚDE: UMA TRANSFERÊNCIA TECNOLÓGICA VIRTUOSA

O verdadeiro desafio — e a verdadeira oportunidade — reside na transferência destas inovações para o mundo da saúde. As experiências realizadas no âmbito desportivo constituem um banco de ensaio extraordinário: os atletas são indivíduos altamente monitorizados, motivados, com dados longitudinais ricos e comparáveis. O que funciona para otimizar o desempenho de um velocista ou prevenir a recaída de um futebolista pode ser reestruturado para a monitorização de doentes crónicos, a reabilitação pós-cirúrgica ou a gestão de idosos frágeis.

O caminho é claro: o desporto como incubadora, a saúde como destino. Algoritmos criados para reconhecer a fadiga muscular de um atleta olímpico tornam-se instrumentos para a deteção precoce de distúrbios do movimento em doentes neurológicos. Modelos de previsão de lesões transformam-se em sistemas de alerta de quedas em idosos. A IA que otimiza a recuperação pós-competição orienta os protocolos de reabilitação cardíaca.

O DESAFIO DOS CONJUNTOS DE DADOS ABERTOS: ESTIMULAR A INVESTIGAÇÃO

O ponto central continua a ser os dados. A investigação em IA aplicada ao desporto ainda sofre de uma fragmentação significativa: os conjuntos de dados existentes são frequentemente proprietários, recolhidos em silos empresariais ou federativos, não padronizados e de difícil acesso para a comunidade científica.

Para acelerar a inovação — e, sobretudo, para garantir que esta se traduza em benefícios concretos para a saúde humana — é indispensável construir um ecossistema de conjuntos de dados abertos no setor desportivo: dados de movimento, fisiológicos, biomecânicos e clínicos disponibilizados de forma ética e estruturada a investigadores, clínicos e programadores. Só multiplicando os conjuntos de dados abertos será possível treinar modelos mais robustos e generalizáveis, validar os algoritmos em populações diferentes, promover a replicabilidade da investigação e derrubar as barreiras à entrada para equipas académicas e startups inovadoras.

CONCLUSÃO

O caminho está traçado: a IA no desporto olímpico não é um fim, mas um meio extremamente poderoso para compreender melhor o corpo humano em condições extremas e devolver esse conhecimento à medicina e ao bem-estar das pessoas comuns. Continuar a estimular a investigação, abrir os dados, construir pontes entre o mundo do desporto e o da saúde: esta é a direção para a qual a comunidade científica é chamada a trabalhar com urgência e visão.

O papel da IA nas iniciativas para a integridade no desporto

por Giuseppe Deleonardis, Responsável pela Ética e Conformidade, Comité Olímpico Internacional



A inteligência artificial tornou-se uma força determinante no ecossistema desportivo global.

Hoje, influencia todos os aspetos, desde a preparação dos atletas até ao consumo dos meios de comunicação, muitas vezes de forma invisível. Mas, entre os seus inúmeros pontos de contacto com o desporto, nenhum é mais relevante do que a sua relação com a integridade. Para quem tem a tarefa de salvaguardar o fair play, a questão já não é se a IA terá impacto no desporto: já o tem. A verdadeira questão é como garantir que a sua utilização reforce, em vez de minar, os princípios fundamentais em que o desporto se baseia: equidade, transparência, responsabilidade e, acima de tudo, a imprevisibilidade dos resultados.

A incerteza do resultado é o coração pulsante do desporto. Quando as competições são autênticas e imprevisíveis, a confiança prospera. Quando os resultados são manipulados, ou mesmo apenas percebidos como artificialmente influenciados, a confiança desvanece-se imediatamente. As recentes controvérsias noutros ecossistemas desportivos que experimentaram o julgamento automatizado ou instrumentos de decisão algorítmicos opacos deixaram isso claro: a tecnologia pode gerar suspeitas com a mesma rapidez com que gera inovação.

A IA é, sem dúvida, uma ferramenta poderosa. Mas, sem uma governação ética, pode amplificar as vulnerabilidades com a mesma facilidade com que reforça as proteções. O desafio para a governança do desporto é garantir que a IA esteja ao serviço do fair play, nunca o contrário. A IA não manipula jogos, não corrompe oficiais nem abusa de atletas. São os seres humanos que o fazem. A IA é um multiplicador de boa governança quando utilizada de forma responsável, e de risco quando empregada sem supervisão. As vulnerabilidades em matéria de integridade surgem tipicamente em quatro áreas:

a. Risco de corrupção. Identificar padrões ou ocultá-los

A IA já demonstrou o seu valor na análise de dados sobre contratos e processos de governação em muitos contextos do setor público. Estes mesmos métodos podem ajudar as organizações desportivas a identificar irregularidades mais cedo do que acontecia no passado.

Mas a IA também pode ser utilizada como arma: documentação sintética, técnicas sofisticadas de ocultação de rastros financeiros ou comunicações geradas de forma detalhada podem complicar as investigações. Em última análise, é a governação e não a tecnologia que determina o resultado.

b. Manipulação de competições. Detecção mais inteligente, criminosos mais inteligentes

Os jogos viciados e as apostas ilegais continuam a ser algumas das ameaças mais complexas do desporto. Os mercados de apostas evoluem rapidamente e os grupos criminosos adaptam-se ainda mais depressa. A IA apoia as unidades de integridade, identificando padrões de apostas invulgares em milhares de eventos simultaneamente. Em grandes eventos desportivos recentes, os sistemas de aprendizagem automática ajudaram a distinguir entre picos suspeitos e picos legítimos associados a momentos de entusiasmo nacional, transformando o trabalho de integridade de reativo para preventivo.

c. Integridade da arbitragem e do julgamento. Assistência, não automação

Várias federações desportivas internacionais têm vindo a experimentar, nas últimas temporadas, ferramentas de avaliação assistidas por IA, com o objetivo de garantir a coerência entre as competições. Estes projetos-piloto ensinaram uma lição fundamental: a tecnologia deve continuar a ser um apoio, não um elemento decisivo. Os atletas e os dirigentes confiam em sistemas que são explicáveis e responsáveis. Quando os algoritmos se tornam caixas negras, a confiança desmorona-se, independentemente da precisão dos resultados.

d. Proteção dos atletas. Gerir a arena digital

Hoje, os atletas estão expostos a uma visibilidade digital sem precedentes. Os abusos gerados pela IA, as campanhas de assédio coordenadas e os vídeos sintéticos representam ameaças reais para o bemestar mental e a concentração competitiva dos atletas. Durante os recentes Jogos Olímpicos, a partir de Paris 2024, uma monitorização especializada sinalizou ondas de conteúdos ofensivos ou ameaçadores no espaço de poucos minutos, permitindo que as plataformas e as autoridades intervissem.

A IA é capaz de processar volumes de conteúdo impossíveis de gerir apenas por equipas humanas. Mas esse monitoramento deve respeitar rigorosos padrões éticos: proporcionalidade, privacidade, transparência e devido processo legal. A lição é universal: a IA fortalece os sistemas sólidos e enfraquece os frágeis.

Reconhecendo tanto as oportunidades como os riscos, o CIO adotou a sua Agenda Olímpica sobre IA, um quadro de referência baseado na governação que garante que a IA esteja em consonância com os valores olímpicos, proteja os atletas e reforce a integridade em todo o movimento.

Dois exemplos práticos ilustram como isto se traduz em ação:

a. Utilização interna da IA para reforçar a conformidade

Graças ao amplo quadro regulamentar do COI (que abrange a ética, as competições, as operações dos Jogos, os contratos e muito mais), a IA ajuda agora o pessoal a lidar com as obrigações complexas de forma mais eficiente.

Por exemplo, os colegas que se preparam para desempenhar funções durante os Jogos, ou mesmo aqueles que trabalham na administração do COI, recorrem cada vez mais a sistemas apoiados pela IA para identificar e compreender as políticas relevantes, melhorando a conformidade sem aumentar a carga administrativa. Funciona também de forma muito eficiente, através de uma interface baseada em chat, na qual um bot alimentado por IA pode fornecer assistência útil. A IA não substitui o discernimento; esclarece as obrigações para que o discernimento humano possa operar de forma responsável. Além disso, torna mais fácil estar em conformidade.

b. Apoiar a governação coletiva em todo o Movimento Olímpico

O COI incentiva as Federações Internacionais e os Comitês Olímpicos Nacionais a empenharem-se num diálogo estruturado sobre a utilização responsável da inteligência artificial. No âmbito da Parceria Internacional contra a Corrupção no Desporto (IPACS, www.ipacs.sport), as organizações desportivas, os governos e as organizações intergovernamentais podem dialogar e partilhar boas práticas relacionadas com os esforços de combate à corrupção e podem agora colaborar em temas como a assistência automatizada à avaliação, a monitorização de abusos online e a utilização ética dos dados dos atletas.

Esta coordenação evita abordagens fragmentadas e garante que o desporto global evolua de acordo com padrões coerentes e baseados em princípios.

A manipulação de competições continua a ser uma das ameaças mais graves ao fair play. O Integrity Betting Intelligence System (IBIS) do COI combina dados provenientes de operadores de apostas, autoridades reguladoras e parceiros de integridade numa única plataforma analítica. Durante os Jogos Olímpicos, sistemas baseados em inteligência artificial monitorizam continuamente os mercados de apostas em todo o mundo. Em edições anteriores dos Jogos, os alertas precoces desencadeados por padrões invulgares permitiram às equipas de integridade intervir rapidamente, muitas vezes excluindo a manipulação em poucos minutos.

É importante salientar que a cooperação com a INTERPOL garante que qualquer atividade criminosa potencial seja tratada através dos canais de aplicação da lei adequados.

A tecnologia reforça a nossa vigilância. Mas os seres humanos mantêm a autoridade decisória. A IA fornece as informações; a governança fornece o julgamento.

Nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, a monitorização apoiada por IA, realizada por especialistas externos, identificou publicações ofensivas dirigidas a atletas e oficiais. Milhares de mensagens maliciosas foram comunicadas às plataformas e, nos casos mais graves, comunicadas às autoridades nacionais. Não se trata simplesmente de um desafio tecnológico; está a tornar-se cada vez mais uma obrigação. A proteção dos atletas requer um equilíbrio entre inovação e rigorosas garantias éticas, assegurando que a monitorização se mantenha proporcionada, transparente e com fundamento jurídico.

Os princípios que orientam este trabalho foram consolidados durante o último Fórum Internacional para a Integridade no Desporto, onde governos, organismos intergovernamentais e organizações desportivas adotaram, em outubro de 2025, a **Declaração Universal sobre a Integridade no Desporto**. A mensagem foi clara: numa era de rápida transformação tecnológica, a salvaguarda do desporto não pode ocorrer de forma isolada. A cooperação é a nossa defesa mais forte contra a manipulação, a corrupção e o uso indevido da tecnologia. A integridade é uma responsabilidade partilhada e um bem global comum.

A inteligência artificial oferece oportunidades significativas para proteger o fair play, mas apenas se for gerida de forma ética, transparente e com supervisão humana. O desporto deve evitar ambos os extremos: o entusiasmo acrítico e o medo infundado. A IA não é nem uma solução mágica nem uma ameaça existencial. É uma ferramenta poderosa, que reflete os valores de quem a utiliza.

Na qualidade de guardiões da integridade, a nossa responsabilidade é clara: garantir que a tecnologia reforce os princípios que definem o desporto: equidade, responsabilidade, transparência e a imprevisibilidade que torna cada competição digna de ser acompanhada.

Se conseguirmos fazê-lo da forma correta, a IA não irá alterar a essência do desporto. Contribuirá para preservar o que mais importa: **a confiança no campo de jogo**.

Inovação tecnológica e valores desportivos no centro de um debate de grande atualidade



Por ocasião do evento “Olympic Values and Artificial Intelligence”, promovido pelo Comité Olímpico Internacional, pela Panathlon International e pelo Comité Internacional Fair Play, o diálogo entre inovação tecnológica e valores desportivos esteve no centro de um debate de grande atualidade.

*Entre as intervenções mais significativas, destacou-se a da doutora e investigadora em inovação e gestão do desporto, **Bianca Gama Pena**, que ofereceu uma perspetiva estimulante sobre como a inteligência artificial pode tornar-se um instrumento concreto e tangível para promover a igualdade de género, valorizar o protagonismo juvenil e favorecer um desporto cada vez mais inclusivo.*

A sua intervenção suscitou reflexões fundamentais sobre o papel que as instituições, as organizações e os profissionais são chamados a desempenhar nesta transformação.

Nesta entrevista, aprofundamos o seu ponto de vista, explorando as potencialidades e os desafios ligados à integração da inteligência artificial no desporto, com um olhar atento para o futuro e para os valores que o orientam.

De que forma os valores olímpicos — como o respeito, a excelência e a amizade — podem ser aplicados concretamente na vida quotidiana, mesmo fora do contexto desportivo?

«Os valores olímpicos não pertencem apenas ao pódio; são instrumentos de convivência social: na vida quotidiana, traduzem-se em escuta ativa, empatia para com opiniões divergentes e respeito pelas regras de trânsito ou pelas filas-reconhecer o “outro” como legítimo. Excelência: não significa ser o “melhor do mundo”, mas dar o melhor de si em todas as atividades, sejam elas estudos, trabalho ou passatempos, concentrando-se na melhoria pessoal constante. Amizade: significa agir com solidariedade e espírito de equipa, compreendendo que o progresso coletivo é mais sustentável do que o sucesso individual isolado. E, acima de tudo, ajudar o outro a alcançar os seus objetivos, superando os seus próprios limites.»

Que papel podem desempenhar organizações como o Panathlon International na promoção dos valores olímpicos entre os jovens e na sociedade contemporânea?

“O Panathlon funciona como uma ponte ética através da Vigilância Ética, que atua como um observatório que denuncia desvios de conduta e promove a “Carta dos Direitos da Criança no Desporto”. Educação: através dos prémios Fair Play, a organização desloca a atenção do mero resultado final para o comportamento exemplar, servindo de bússola para os jovens em formação.”

Olhando para o futuro, que iniciativas ou projetos considera fundamentais para reforçar uma cultura desportiva baseada na ética e no fair play?

«Para o futuro, as iniciativas devem ser estruturais com o Cartão Branco: implementação sistemática de cartões que recompensem os gestos positivos, não apenas punam os negativos. Uma Educação Parental com workshops obrigatórios para os pais nos clubes de formação, para combater a pressão tóxica sobre as crianças. Certificações Éticas: Selo de qualidade para os clubes que demonstrem programas de integridade e de combate ao bullying/assédio.»

Na sua intervenção, falou da responsabilidade educativa do desporto: quais são hoje os principais desafios neste domínio?

“A pressão para profissionalizar as crianças cada vez mais cedo, sacrificando o jogo e a saúde mental. Quando a vitória “a todo o custo” substitui a aprendizagem com a derrota. Ambiente digital: o desafio de ensinar valores que eram desenvolvidos presencialmente e que agora têm de ser transmitidos digitalmente, superando a toxicidade das redes sociais.”

De acordo com a sua experiência, quais são os instrumentos mais eficazes para transmitir o fair play em contextos desportivos cada vez mais competitivos?

“Momentos de convívio obrigatório entre adversários após o jogo. Arbitragem pedagógica: árbitros que explicam as regras e o motivo das faltas, especialmente nas categorias juvenis, em vez de se limitarem a punir. Manuais de conduta: códigos claros assinados por atletas, treinadores e familiares no início da época.”

De que forma eventos e congressos como este podem contribuir para criar uma rede concreta entre instituições, escolas e associações desportivas?

“Eventos e congressos como criadores de redes. Estes encontros funcionam como o “tecido conjuntivo” do desporto: Partilha de boas práticas: permitem que uma pequena escola aprenda uma metodologia de sucesso de uma grande federação. Protocolos de cooperação: são espaços ideais para selar parcerias em que as universidades disponibilizam a ciência e os clubes disponibilizam o campo para os estudos. Visibilidade política: colocam o desporto na agenda pública, exercendo pressão para obter melhores políticas de financiamento e infraestruturas.»

Qual é a contribuição que o mundo do desporto pode dar hoje para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades?

“Desporto, inclusão e igualdade. O desporto é a linguagem universal mais poderosa que temos: Derrubar barreiras: projetos de desporto adaptado que integram pessoas com deficiência, destacando as capacidades em vez das limitações. Igualdade de género: ocupação de cargos de liderança por mulheres e igualdade de incentivos para as disciplinas femininas. Integração social: o desporto como porta de entrada para refugiados e jovens em situações de vulnerabilidade, proporcionando um sentimento de pertença e um caminho seguro.»

Há algum episódio da sua carreira ou da sua experiência pessoal que represente de forma particular os valores olímpicos?

“Respeito – na qualidade de CEO, o respeito manifesta-se todos os dias quando decido ouvir ativamente os outros e não tomar decisões considerando apenas as minhas perspetivas. Excelência – quando ainda era doutoranda, sem recursos, decidi vender o meu carro para investir no sonho de criar o eMuseu do Desporto, quando ninguém acreditava nisso. Isto mostrou-me como devemos acreditar em nós próprios e dar o nosso melhor, sendo os primeiros investidores nos nossos sonhos. Amizade: como professora, não vejo os alunos apenas como alunos, mas vejo-os como uma responsabilidade minha para os ajudar a ir mais além. Isto dá-nos um sentido de propósito e criamos laços de amizade e relações para toda a vida.»

IA e o Arquivo Olímpico: preservar e partilhar um legado vivo

por Sabine Haller-Neumann, Responsável pelo Arquivo do Comité Olímpico Internacional

Por ocasião do evento milanês “Inteligência Artificial e Valores Olímpicos”, Sabine Haller-Neumann, responsável pelos arquivos, apresentou o programa Images Sport AI, uma iniciativa destinada a potenciar as atividades de pesquisa, identificação e documentação relativas ao património audiovisual do COI através de uma utilização responsável das tecnologias de inteligência artificial.

O programa baseia-se no anterior Projeto Estratégico de Imagens (2021–2024), que transferiu os serviços de imagens do COI de sistemas personalizados e locais para soluções em nuvem totalmente integradas, em linha com a estratégia de TI do COI. Esta importante transformação permitiu a migração de coleções em grande escala – mais de 85 000 conteúdos audiovisuais e 928 000 fotografias – juntamente com os metadados completos. Criou uma base sólida e escalável para a implementação de serviços baseados em IA.

Para os utilizadores finais, a Olympic Media Library (TOML) oferece agora a pesquisa por semelhança visual, permitindo uma descoberta de conteúdos mais rápida e intuitiva. As funcionalidades «Pesquisar imagem semelhante» (em produção a partir do segundo trimestre de 2025) e «Pesquisar vídeo semelhante» (lançada no primeiro trimestre de 2026) permitem aos utilizadores recuperar primeiro uma correspondência exata, seguida de resultados visualmente relacionados. Estas ferramentas suportam uma ampla gama de casos de utilização, incluindo a verificação precisa de recursos, a identificação de sequências específicas, a exploração de alternativas criativas e a possibilidade de iniciar pesquisas utilizando ficheiros carregados, URLs ou recursos TOML existentes. As funcionalidades baseiam-se na vetorização baseada em IA e no reconhecimento visual de padrões e incluem medidas de segurança rigorosas: qualquer imagem ou vídeo enviado para fins de pesquisa não é arquivado e é eliminado imediatamente após a conclusão da pesquisa.

Paralelamente, está em desenvolvimento uma Pesquisa Conversacional. Esta interface em linguagem natural, ainda em fase inicial, visa reduzir as barreiras relacionadas com a terminologia especializada, as consultas multilingues e os metadados incompletos. Além da recuperação de recursos visuais, a solução foi concebida para fornecer um contexto factual relevante relacionado com o desporto, treinada exclusivamente com informações provenientes do CIO.

No back-end, o programa introduz a marcação automática de fotos e vídeos no ambiente de gestão de recursos multimédia. Utilizando modelos de aprendizagem profunda, o sistema gera metadados estruturados relativos a ações e equipamentos específicos do desporto, ações gerais, objetos, logótipos/bandeiras, enquadramentos, símbolos olímpicos e locais. Com Milão-Cortina 2026 como projetopiloto, uma força-tarefa multifuncional está atualmente a testar e aperfeiçoando um conjunto inicial de mais de 1.000 metadados gerados pela IA, garantindo simultaneamente a total conformidade com os requisitos legais, éticos e de privacidade.

Nesta primeira versão, as etiquetas geradas pela IA ainda não são publicadas em TOML e o sistema exclui explicitamente qualquer forma de identificação de pessoas ou equipas, bem como a deteção de emoções.



THE IOC ARCHIVE'S MISSION

1. To acquire, preserve and promote the IOC's written, audiovisual and photographic heritage.
2. To make Olympic heritage accessible to key stakeholders: the IOC, the Olympic Family, Culture and Education institutions.

Position Papers do Panathlon International: Esporte, Ética e Sociedade

A nova seção “Documentos de Posição” da revista *Panathlon International* tem como objetivo promover reflexões pertinentes e acessíveis sobre temas contemporâneos no mundo do esporte, em consonância com os valores do *fair play*, da ética e da inclusão.

Este espaço reúne contribuições de especialistas e líderes, oferecendo análises que abordam os desafios atuais e futuros do movimento esportivo. Ao incentivar o pensamento crítico e a troca de experiências, a seção busca fortalecer o papel do *Panathlon International* como referência na promoção de uma cultura esportiva mais justa, sustentável e inclusiva em todo o mundo.

De Coubertin (1894) a Coventry (2025): mulheres, jovens, inovação e inteligência artificial na redefinição do Movimento Olímpico

Ana Miragaya (CBPC, Panathlon Rio e GPEO-UERJ), Bianca Gama Pena (CIFP, Panathlon Rio e coordenadora do GPEO-UERJ) e Antonio Bramante (Presidente da Comissão de Cultura, Investigação e Educação do Panathlon International).

Este manuscrito beneficiou de ferramentas assistidas por inteligência artificial para os conteúdos.

Introdução

A eleição de Kirsty Coventry para presidente do Comité Olímpico Internacional (COI) em 2025 representa uma viragem histórica na governação do desporto mundial. Após 131 anos de liderança masculina, o Movimento Olímpico entra numa nova fase caracterizada pela liderança feminina, pela renovação geracional e por crescentes exigências de inovação, inclusão e transformação tecnológica. Este documento de posição defende que a presidência de Coventry não é apenas simbólica, mas estrutural, sinalizando uma reconfiguração dos valores olímpicos alinhada com a igualdade de género, o envolvimento dos jovens e a renovação estratégica, em particular a inclusão da inteligência artificial (IA). Este momento desenrola-se num contexto global caracterizado por tensões geopolíticas, crises de legitimidade institucional e profundas mudanças na produção cultural e comunicativa, que exigem novas formas de governação, liderança e diálogo social no seio do Movimento Olímpico (Comité Olímpico Internacional [COI], 2021; UNESCO, 2023).

1. De uma origem quase exclusiva a um imperativo inclusivo

O Comité Olímpico Internacional foi fundado num contexto histórico caracterizado por valores aristocráticos, eurocêtricos e patriarcais. A não inclusão das mulheres nos primeiros Jogos Olímpicos e nas estruturas de decisão do COI refletia as normas sociais amplamente difundidas no início do século XX. Ao longo do século XX, no entanto, a expansão da participação das mulheres.

Os direitos civis, políticos e sociais exerceram uma pressão constante sobre o Movimento Olímpico, levando a progressos graduais na participação desportiva e no reconhecimento institucional.

O reconhecimento do desporto como um direito humano fundamental, consagrado na Carta Internacional da UNESCO sobre Educação Física e Desporto (1978), desempenhou um papel decisivo na superação deste paradigma de exclusão e na consolidação da inclusão como princípio normativo. A igualdade de género alcançada nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 representa um marco simbólico neste processo, embora persistam desigualdades significativas nos espaços de decisão.

. A liderança feminina como transformação institucional

A eleição de Kirsty Coventry deve ser entendida como parte de um processo mais amplo de inovação institucional impulsionado pelas reformas promovidas pelo COI nas últimas décadas. A Agenda Olímpica 2020 e a Agenda Olímpica 2020+5 consolidaram os compromissos em matéria de sustentabilidade, credibilidade, transparência e igualdade de gênero como pilares estratégicos do Movimento Olímpico contemporâneo (COI, 2021). Estas reformas foram ainda apoiadas por revisões internas conduzidas pelo COI, que identificaram a igualdade de gênero como uma prioridade estratégica para a credibilidade, a legitimidade e a sustentabilidade futura do Movimento Olímpico (Comité Olímpico Internacional [COI], 2018). Estes compromissos estão em sintonia direta com a Plataforma de Ação de Pequim (1995) e com os relatórios produzidos pela ONU Mulheres, que reconhecem o desporto como um instrumento central para a emancipação das mulheres e a igualdade de gênero.

Apesar dos avanços normativos, dados recentes indicam que as mulheres ainda ocupam menos de 30% dos cargos de direção nas federações desportivas internacionais, revelando uma disparidade persistente entre o discurso institucional e a prática efetiva (Sport Integrity Global Alliance [SIGA], 2024). Neste contexto, a presidência de Coventry assume relevância estratégica, combinando a representação simbólica com um potencial real de renovação estrutural. Da mesma forma, as iniciativas da sociedade civil contribuíram para traduzir os princípios globais em quadros normativos aplicados. A Carta dos Direitos das Mulheres no Desporto, desenvolvida pelo Panathlon International – Distrito do Brasil, sistematiza os direitos fundamentais relativos à igualdade de oportunidades, representação nos cargos de liderança, ambientes desportivos seguros, visibilidade, saúde, maternidade e participação política das mulheres no desporto. Apesar de ter alcance nacional, a Carta alinha-se a marcos internacionais como a Plataforma de Ação de Pequim, a Carta Olímpica e os documentos da UNESCO, reafirmando a igualdade de gênero como princípio estrutural da governança desportiva contemporânea (Panathlon International – Distrito do Brasil, s.d.).

3. Jovens, relevância e futuro dos Jogos Olímpicos

A renovação e a sustentabilidade do Movimento Olímpico dependem cada vez mais da sua capacidade de manter a relevância cultural e simbólica junto das gerações mais jovens. Os jovens atletas e o público franqueiam o desporto através de plataformas digitais – na sua maioria baseadas em inteligência artificial –, redes sociais e formatos interativos, questionando os modelos tradicionais de comunicação e envolvimento. A eleição de um jovem presidente reforça a necessidade de incorporar as perspetivas geracionais nos processos de tomada de decisão do COI, ampliando os espaços de escuta, participação e liderança juvenil.

Esta orientação está em consonância com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável n.º 4 e com as diretrizes da UNESCO sobre educação, juventude e cidadania global, que reconhecem o desporto como um espaço privilegiado para a formação ética, social e cultural. Esta preocupação reflete-se explicitamente na Estratégia de Envolvimento dos Jovens do COI, que reconhece os jovens como atores centrais para garantir a relevância a longo prazo e a legitimidade social dos Jogos Olímpicos (COI, 2020).

4. Inovação e inteligência artificial na governança olímpica

A integração da inteligência artificial no desporto de alto rendimento e na governação do desporto intensificou-se nos últimos anos. Os sistemas de IA são utilizados na integração, na análise de desempenho, na prevenção de lesões, no apoio à arbitragem, na gestão de eventos e na comunicação institucional. Do ponto de vista da governação, estas tecnologias oferecem oportunidades para melhorar a eficiência, a transparência e a integridade baseada em valores, introduzindo simultaneamente riscos relacionados com a opacidade algorítmica, a proteção de dados e a reprodução de desigualdades estruturais. A Recomendação da UNESCO sobre a ética da inteligência artificial (2021) fornece um quadro normativo fundamental, defendendo uma abordagem centrada no ser humano e baseada nos direitos humanos, na diversidade e na responsabilidade social. Do ponto de vista da governação do desporto, estas preocupações estão em sintonia com os princípios de integridade, transparência e boa governação promovidos pelo Comité Olímpico Internacional como valores essenciais para a gestão da inovação e da transformação digital no mundo do desporto (COI, 2023).

5. Inteligência artificial generativa e governação algorítmica no desporto olímpico

O surgimento da inteligência artificial generativa acrescenta um novo nível de complexidade à governança desportiva global. Ferramentas capazes de produzir textos, imagens, vídeos e simulações já estão a influenciar os meios de comunicação desportivos, a formação dos atletas e a formulação de políticas públicas. Estudos sobre a governança algorítmica indicam que os sistemas não regulamentados tendem a reproduzir preconceitos históricos de género, raciais e geopolíticos, afetando de forma desproporcional as mulheres e os atletas do Sul do mundo (Rainey & Santos, 2022). Por isso, é imperativo que o COI desenvolva diretrizes éticas e mecanismos de controlo para garantir transparência, verificabilidade e responsabilidade institucional, em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 5, 9, 10 e 16.

6. Interseccionalidade: mulheres, inovação e poder

Uma perspetiva interseccional revela que as desigualdades de género no desporto são frequentemente intensificadas por assimetrias tecnológicas e geopolíticas.

A exclusão histórica das mulheres dos espaços de decisão e dos setores tecnológicos sublinha a necessidade de inovações institucionais que promovam a literacia digital crítica, a diversidade e a liderança feminina. A este respeito, a presidência de Coventry pode contribuir para articular a equidade de e a transformação digital como eixos complementares de um modelo mais democrático e inclusivo de governação do desporto (ONU Mulheres, 2024; UNESCO, 2023).

7. Considerações finais

A presidência de Kirsty Coventry representa uma viragem histórica que reúne as questões de género, juventude e tecnologia no horizonte olímpico contemporâneo. O futuro do Movimento Olímpico dependerá da capacidade do COI de traduzir os compromissos normativos em práticas institucionais eficazes, reforçando assim a sua legitimidade global. Para organizações internacionais como o COI, a UNESCO e as Nações Unidas, este momento oferece uma oportunidade estratégica para reafirmar o desporto como instrumento de inclusão, diálogo intercultural e desenvolvimento sustentável no século XXI.

Referências

- Comité Olímpico Internacional. (2018). Projeto de revisão sobre a igualdade de género. COI. Comité Olímpico Internacional. (2020). Estratégia de envolvimento dos jovens do COI. COI. Comité Olímpico Internacional. (2021). Agenda Olímpica 2020+5. COI.
- Comité Olímpico Internacional. (2023). Integridade e boa governação no desporto. COI.
- Comité Olímpico Internacional. (2025). Carta Olímpica. COI.
- Miragaya, A. M. F. (2006). O processo de inclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos (Tese de doutoramento, Universidade Gama Filho).
- Panathlon International – Distrito Brasileiro. (s.d.). Carta dos direitos das mulheres no desporto.
- Rainey, J., & Santos, F. (2022). Governança algorítmica no desporto: ética, responsabilidade e regulamentação. *Sport Management Review*, 25(3).
- SIGA – Sport Integrity Global Alliance. (2024). Representação feminina nas federações desportivas internacionais. SIGA.
- ONU Mulheres. (2024). Factos e números: as mulheres no desporto. ONU Mulheres.
- UNESCO. (1978). Carta Internacional da Educação Física e do Desporto. UNESCO.
- UNESCO. (2021). Recomendação sobre a ética da inteligência artificial. UNESCO.
- UNESCO. (2023). Diretrizes para a IA generativa na educação e na investigação. UNESCO.

O QUE SÃO AS OLIMPIADAS?

por Livio Guidolin, Mestre do Desporto

São: EXPRESSÃO RELIGIOSA

O Olimpo grego era povoado por divindades que, desde as origens, se desafiavam e lutavam entre si para dominar e governar tanto os deuses como os homens.

A manifestação humana em honra dos deuses (um culto religioso) era a Competição, que se tornou expressão da raiva e do luto gerados pela morte de um ente querido

A relação orgânica entre a competição desportiva e a religião desenvolve-se através de ritos e atos sagrados, com a evocação de mitos e contos tradicionais.

O ritual religioso foi o fio condutor que uniu os Jogos ao longo dos séculos. Os mais importantes foram:

- Jogos Olímpicos, em honra de Zeus, iniciados em 776 a.C. em Olímpia
- Jogos Ístmicos, em honra de Poseidon, realizados em Corinto em 589 a.C.
- Jogos Píticos, em honra de Apolo, iniciados em 586 a.C. no Santuário de Delfos
- Jogos Nemeus, em honra de Hércules, iniciados em 572 a.C. em Cleone, localidade entre Corinto e Argo Agora, sem liturgia mas com hinos, sem dogmas mas com símbolos, sem templos mas com estádios, é uma cerimónia global que, perante uma chama, une todas as comunidades, contendo «o Silêncio religioso, a Expectativa, o Rito, as Relações e as Emoções que vão além de todas as explicações naturais e lógicas.

São: ORIGEM DA ARTE e da ARQUITETURA

Os testemunhos da atividade desportiva chegam-nos sobretudo do mundo da arte nas suas várias expressões: pintura, escultura, gravuras, afrescos, relevos, poesia, canto e música.

Todas se inspiravam nos «Agones» – competição, esforço, exercício – termo que definia qualquer tipo de competição, não apenas de velocidade ou força física, mas também no campo da palavra e do raciocínio, com disputas poéticas entre autores.

A inscrição grega mais antiga é um grafito do século VIII a.C. O momento agonístico retrata uma competição de dança – atividade física e intelectual ligada à ginástica e à música – onde o bailarino vencerá não pela destreza física, mas pela beleza da sua execução.

A «kalokathia» – equilíbrio entre beleza física e virtude moral – exigia que as instalações desportivas – o estádio para a corrida, o ginásio para a luta e o pugilismo, o ginásio para o treino geral e o hipódromo – estivessem situadas no interior de locais sagrados.

Com a construção destes santuários, onde se unia a preparação atlética ao culto religioso, teve também início a arquitetura, a disciplina que organiza o espaço onde vive o ser humano.

OLIMPIADAS MODERNAS

O termo «Olimpíadas» indica um período de 4 anos consecutivos.

A Olimpíada começa com a abertura de uma edição dos Jogos e termina com a abertura da edição seguinte.

Em 393 d.C., o imperador romano Teodósio I suprimiu os Jogos Olímpicos, considerando-os uma manifestação pagã.

O barão Pierre de Coubertin, com a elaboração da «Religio Athletae», que contemplava a libertação do espírito, a ascensão interior e a entrega de si mesmo na superação dos próprios limites, determinou o fim do período evolutivo do Homo Ludens e o início do ciclo do Homo Olímpicus.

A 16 de junho de 1894, De Coubertin e os delegados de 12 nações, reunidos na Sorbonne, em Paris, proclamaram o renascimento dos Jogos Olímpicos e constituíram o COI.

Em 1896, realizaram-se em Atenas os primeiros Jogos Olímpicos Modernos.

Em 1920, o COI adotou a bandeira branca com os cinco anéis, cujas cores (azul – Europa, amarelo – Ásia, preto – África, verde – Oceânia, vermelho – América) foram escolhidas porque, juntamente com o branco do fundo, representavam as cores presentes nas bandeiras de todas as nações do mundo .

COMITÉ INTERNACIONAL OLÍMPICO

O COI é uma organização não governamental.

Apesar de ser democrática nas decisões tomadas pelo Comité Executivo, tem membros — no máximo 115

— que são nomeados pelo próprio Comité.

A Assembleia ou Sessão elege

- o Presidente e os membros do Comité Executivo,
- Os membros das várias comissões, indicados pelo Comité Executivo de entre atletas, dirigentes de federações e associações internacionais.
- A cidade que irá acolher os Jogos.
- Adota ou altera a Carta Olímpica.
- Reconhece os CON e as Federações Desportivas Internacionais.

Com a Presidência de Samaranch, o COI abriu progressivamente os Jogos aos patrocinadores, aos meios de comunicação social e aos atletas profissionais.

O financiamento atual do COI provém dos direitos de transmissão televisiva e radiofónica, dos acordos de patrocínio e dos direitos de exploração dos logótipos olímpicos.

Menos de 10% dos recursos são utilizados para a manutenção da estrutura administrativa e organizacional.

São: POLÍTICA

Na Antiguidade, as localidades que acolhiam os Jogos gozavam de uma espécie de extraterritorialidade.

A trégua olímpica, embora se referisse exclusivamente ao santuário, ao estádio e às vias de acesso para os participantes, era reconhecida, celebrada e respeitada.

Nos tempos modernos, a histórica «trégua olímpica» nunca foi realmente perseguida ou concretizada.

Os Jogos Olímpicos foram suspensos devido às guerras mundiais em 1916, 1940 e 1944.

Posteriormente, o cancelamento foi substituído pelo boicote, uma ação concertada para prejudicar o negócio implícito nos Jogos, não participando nos mesmos por motivos políticos, sociais ou religiosos.

Os principais boicotes foram:

1956 Melbourne por motivos políticos

1964 Tóquio e 1976 Montreal devido ao

apartheid 1980 Moscovo devido à Guerra Fria

1984 Los Angeles, em retaliação ao boicote de Moscovo 1988

Seul, devido à política do bloco de leste

São: TRADIÇÃO – CONHECIMENTO – PARTILHA

A Chama Olímpica ardeu durante toda a duração dos Jogos antigos e tinha um valor sagrado. Era considerada um elo de ligação entre o humano e o divino, tendo sido roubada aos deuses por Prometeu para a oferecer aos humanos.

Hoje, a Chama Olímpica, na sua corrida simbólica da Grécia até à cidade anfitriã, representa a ligação exemplar entre várias civilizações e o fio condutor de milénios de história.

A Chama, introduzida nos XI Jogos em Berlim em 1936, que se acende para os «jogos auspiciosos da paz», é o símbolo dos ideais e dos valores que devem ser transmitidos de atleta para atleta, de nação para nação.

A tocha olímpica é a tocha que transporta a Chama acesa na cidade sagrada de Olímpia

Também o Juramento tem origens antigas: os atletas, os seus pais, irmãos e treinadores, bem como os juízes, juravam perante o altar de Zeus não terem cometido fraudes e serem imparciais.

O primeiro Juramento dos Jogos Olímpicos Modernos foi proferido em 1920, em

Antuérpia. Desde 1972, em Sapporo, são os juízes a fazer o juramento e, desde 2012, em Londres, também os treinadores.

Desde os Jogos Olímpicos de Inverno de Pyeongchang 2018, o juramento é proferido em nome de todos os participantes, conjuntamente por um atleta, um juiz e um treinador.

Os Jogos são atualmente o maior e mais seguido evento planetário.

São: CIÊNCIA MÉDICA - INVESTIGAÇÃO e PESQUISA

Inicialmente, não havia unanimidade quanto ao efeito «benéfico» da prática desportiva; alguns, aliás,

manifestavam preocupação com as consequências de uma atividade física excessiva. Entre os favoráveis, destacava-se o médico «periodeuta» Icco de Taranto; Hipócrates criticava os abusos e acompanhava as patologias profissionais.

A medicina desportiva «moderna», entendida como avaliação da aptidão física, prevenção e tratamento, tem acompanhado os Jogos desde o seu início, em 1896.

Atualmente, o especialista em medicina desportiva é um profissional qualificado, o único capaz de fornecer uma avaliação adequada do atleta, uma vez que o estuda, analisa e acompanha tanto durante a sua preparação como durante a sua performance.

A medicina desportiva atual recorre a diversas figuras profissionais: psicólogos, fisiologistas, anatomistas, especialistas em biomecânica, higienistas, traumatologistas, nutricionistas, para citar apenas alguns.

A Investigação e a Investigação não dizem respeito apenas ao «bem-estar» do atleta, mas manifestam-se, agora e em grande medida, no âmbito dos materiais, do vestuário, da aerodinâmica...

São: PESQUISA da LIBERDADE – DESGASTE das CONVERSAS

O gesto desportivo pode ser vivido como um «desperdício» de energia. De facto, o gesto desportivo que não é realizado com um fim utilitário pode ser considerado um desperdício «saudável». É o desperdício do jogo, o desperdício lúdico, recreativo.

O homem tem a necessidade física e psíquica de brincar: praticar o jogo significa ser livre, livre do trabalho, livre do que é indispensável, necessário, obrigatório. A necessidade de movimento traduz-se em bem-estar: o movimento está na base da vida. Esta liberdade permite a melhoria física, a redução da agressividade e a submissão da força bruta à inteligência e à tática.

Quando o gesto desportivo deixa de ser um jogo praticado em primeira pessoa e se torna um discurso sobre o jogo, ou seja, um espetáculo para os outros, temos uma mistificação da saúde.

Apenas o desporto praticado é fonte de saúde, vitalidade e bem-estar.

O desporto visto e comentado (Bar Desportivo) dá a ilusão de ser desportista. A conversa sobre desporto torna-se a paródia de um debate político onde se exercitam apenas as energias intelectuais para avaliações, análises e polémicas, enquanto as qualidades físicas não estão em jogo.

São: DINHEIRO – NEGÓCIOS

O gesto desportivo pode ser vivido como um «desperdício» de energia. De facto, o gesto desportivo que não é realizado com um fim utilitário pode ser considerado um desperdício «saudável».

É o desperdício do jogo, o desperdício lúdico, recreativo.

O homem tem a necessidade física e psíquica de brincar: praticar o jogo significa ser livre, livre do trabalho, livre do que é indispensável, necessário, obrigatório. A necessidade de movimento traduz-se em bem-estar: o movimento está na base da vida.

Esta liberdade permite a melhoria física, a redução da agressividade e a submissão da força bruta à inteligência e à tática.

Quando o gesto desportivo deixa de ser um jogo praticado em primeira pessoa e se torna um discurso sobre o jogo, ou seja, um espetáculo para os outros, temos uma mistificação da saúde.

Apenas o desporto praticado é fonte de saúde, vitalidade e bem-estar.

O desporto visto e comentado (Bar Desportivo) dá a ilusão de ser desportista. A conversa sobre desporto torna-se a paródia de um debate político onde se exercitam apenas as energias intelectuais para avaliações, análises e polémicas, enquanto as qualidades físicas não estão em jogo.

São: MACRO INFLUENCERS

A imagem coletiva e estereotipada do influenciador identifica-o geralmente como uma pessoa capaz de orientar as escolhas dos indivíduos, na medida em que é considerada competente e/ou autoritária num determinado âmbito.

No entanto, é possível superar esta visão redutora e considerar, de forma mais ampla e original, o influenciador não apenas como indivíduo, mas como uma verdadeira Entidade.

Nesta perspetiva, o influenciador torna-se uma Entidade autoritária, credível, competente e autêntica, capaz de incidir sobre os comportamentos individuais através de uma forte participação emocional e de uma comunicação social capaz de gerar benefícios económicos, culturais, educativos e éticos, contribuindo assim para uma formação integral da pessoa.

É neste sentido que o desporto, e em particular os Jogos Olímpicos, podem ser interpretados como influenciadores: não simplesmente como contextos em que atuam atletas individuais – já reconhecidos como influenciadores –, mas como sistemas autónomos, dotados de uma capacidade própria de orientar valores, comportamentos e imaginários coletivos.

A chamada «vibe» – entendida como atmosfera, energia e envolvimento emocional – representa o motor desta influência: é o que permite ao desporto e aos Jogos Olímpicos alimentar uma comunicação poderosa e penetrante, elemento essencial de qualquer fenómeno influente.

Essa capacidade reflete-se também no plano cognitivo. As mais recentes investigações neurocientíficas, entre as quais as de Leonardo Fogassi (Universidade de Parma), evidenciam, de facto, que o movimento não é apenas uma expressão motora, mas constitui uma componente fundamental dos processos cognitivos: «o nosso movimento torna-se cognição». Daí decorre que o desporto não só comunica, como contribui ativamente para a construção do conhecimento e da experiência do mundo.

À luz destas considerações, os Jogos Olímpicos podem ser definidos como um verdadeiro macroinfluenciador, distinto dos atletas individuais, mas capaz, enquanto sistema, de exercer uma influência ainda mais ampla e profunda na sociedade.

São: AGONISMO

«Agones» indicava qualquer tipo de competição.

Da raiz grega «agon» derivam Agonia (luta extrema entre a vida e a morte) e agonismo, que indica tanto a prova como o terreno delimitado onde a «competição» se desenrola.

«Competição» tem uma etimologia semelhante, do latim «cum-petere», ir juntos, convergir para um mesmo ponto. A tensão religiosa e espiritual dos «Agones» evolui com o tempo para puro agonismo, uma competição destinada a aproximar o homem da «forma ideal» própria das divindades.

O objetivo do agonismo é a comparação, o confronto dos próprios valores. Quem vence destaca-se e torna-se unidade de medida. Merece prestígio e glória, concebidos como meta e prémio.

Ao conceito de Agone, nos tempos modernos, foi introduzido e acrescentado o Recorde.

Os gregos e os romanos tinham uma visão circular do Tempo, ou seja, cíclica: Nascimento – Morte, etc.

A concepção judaico-cristã do Tempo é linear, ou seja, uma sucessão de instantes característicos, únicos e irrepetíveis. Nasce assim a ideia, a noção de Progresso.

A concepção diferente do tempo permite ligar o valor do atleta ao progresso que a máquina humana é capaz de realizar. A competição torna-se dupla: contra o tempo.

A aspiração atual é a derrota do Tempo, e foi assim que o Recorde foi instituído.

São: COMPETIÇÕES

776 a.C. Olímpia - Disputam-se os primeiros Jogos com uma única prova, o «stadion». Corrida em linha reta de 192,28 metros que permaneceu como a única competição nas primeiras 13 edições

1896 Atenas - Primeiros Jogos Olímpicos Modernos com 245 atletas de 14 nações em 43 provas.

A primeira medalha foi atribuída a 25 de abril ao americano James Connolly no salto triplo.

O grego Louis Spyridon venceu a primeira Maratona.

1900 Paris - Primeira participação feminina. Charlotte Cooper venceu no ténis

1904, St. Louis – Primeira participação de atletas africanos.

George Eyser é o primeiro atleta a participar com uma prótese de madeira na perna esquerda.

1924, Chamonix - Realizam-se de 25 de janeiro a 4 de fevereiro os primeiros Jogos Olímpicos de Inverno.

Participam 17 nações. As provas são patinagem de velocidade, hóquei no gelo, esqui de fundo de 50 km, esqui de fundo de 18 km, salto em trampolim pequeno e combinada nórdica. Provas de exibição: curling e esqui de fundo de 25 km para patrulhas militares. A 2 de fevereiro de **1924**, é constituída a FIS (Federação Internacional de Esqui) por 15 das nações presentes nos Jogos. **1936** em Garmisch-Partenkirchen. Primeira participação feminina nas provas de descida livre, slalom e combinado alpino **1960 - Roma**. Primeira organização dos Jogos Paralímpicos. 400 atletas de 23 nações.

O desporto moderno sofreu evoluções e transformações, renovou-se e inovou.

Com um sorriso, recordamos que em 1896 havia a subida à corda, em 1900, em Paris, o salto em comprimento e o salto triplo a partir da posição parada. Em Estocolmo, em 1912, a «Arte Poética», onde de Coubertin, sob o pseudónimo de Georges Hohrod, venceu com o poema «Ode ao Desporto»

São: UM SONHO

Sou um património de símbolos. Um conjunto de imagens, de emoções, de sensações.

Sou uma forma de pensamento que, em continuidade com processos inconscientes, busca ideais, explora aspirações, persegue desejos com fantasia.

Sou pensamentos envoltos em esperança e utopia que elaboram projetos maravilhosos e resplandecentes. O que precede remete para o sonho.

O sonho atua como uma terapia que ajuda o indivíduo a processar eventos e situações.

É uma forma de conhecer e satisfazer os nossos desejos mais recônditos, um processo para elaborar positivamente as emoções, para consolidar a memória e resolver os problemas.

O Sonho das Olimpíadas.

As Olimpíadas são um Sonho.

No Panathlon Club Ferrara, os Jogos são contados por quem os viveu no trabalho

A noite de março foi importante para o Panathlon Club Ferrara, tanto pela vida associativa do clube como pela riqueza dos convidados e dos temas abordados, centrados no tema proposto: «O Espírito Olímpico entre o presente e o passado: Milão-Cortina 2026 encontra Cortina '56».

O jantar, que marca o regresso à sede histórica da Duchessa Isabella, testemunha, do ponto de vista associativo, a «passagem do testemunho» entre a atual Presidente Honorária Luciana Boschetti Pareschi e o novo Presidente Massimiliano Bristot, uma transição marcada pela continuidade, tal como confirmado pela equipa do conselho, com a vice-presidência adjunta a continuar a cargo de Angela Travagli.

A presidir a esta mudança está o Presidente do Panathlon International, Giorgio Chinellato, pela primeira vez presente no Clube, juntamente com o Adjunto ao Desporto da Câmara Municipal de Ferrara – Cidade Europeia do Desporto 2027, Francesco Carità.

Muito bem-vinda foi também a primeira visita de um representante da Cúria, Monsenhor Michele Zecchin, delegado para representar Sua Excelência o Arcebispo Monsenhor Gian Carlo Perego. E estes são apenas os principais de uma lista muito extensa de convidados, muitos dos quais participaram como oradores, como o Governador da Área 5 Emilia-Romagna e Marche do Panathlon International, Stefano Ripanti. A concluir esta parte estritamente panatlética, foi entregue a Davide Conti, recém-saído da vitória da Prata Europeia Master de Ju-jitsu realizada em Creta, a condecoração pelo mérito pelos 10 anos de filiação no Clube.

A parte de convívio começa com a exibição de um resumo de Vertigne Bianca, o documentário do CONI sobre Cortina '56, que contou com a participação do ferrarense Giorgio Ferroni como realizador, com a presença na sala do seu bisneto Giorgio Ferroni, figura de destaque do associativismo de Ferrara que brinca com a homonímia com o bisavô e descreve as suas características, enquanto Maurizio Villani, Presidente do Cineclub FEDIC Ferrara, fala das escolhas mais estritamente cinematográficas.

Segue-se o apresentador da noite, Mirko Rimessi, num diálogo com Federica Lodi, que analisa a comparação entre a narrativa dos Jogos de 1956, ou mesmo apenas de 2012, como relata a jornalista da Sky Sport que este ano acompanhou para a emissora a sede de Livigno, exemplo concreto de como gerir estes Jogos transmitidos do ponto de vista comunicativo, incluindo o momento particular da Cerimónia de Abertura e referindo também as diferenças entre a narrativa tradicional e a das redes sociais. Sem esquecer a diferença substancial entre 1956, onde os Jogos Olímpicos representavam o evento, e hoje, onde são apenas a primeira parte, com os Jogos Paralímpicos a manter a chama acesa, colocando em jogo inúmeras outras questões.

Segue-se então com os relatos de MilanoCortina2026, definidos por Chinellato como «os grandes vencedores dos Jogos», com três visões muito particulares provenientes da área médica. Começa-se com o Governador Stefano Ripanti, empenhado como médico durante as Paraolimpíadas, que narra a meio caminho entre o seu papel principal, pelo qual se encontrava nas pistas de esqui, e as emoções decorrentes de ser um panatleta presente na primeira fila de um evento que exalta todos os valores que o movimento promove, entre cultura, ética desportiva e fair play. Segue-se o Dr. Gabriele Zazzarini, fisioterapeuta de Senigallia, “olímpico” com nada menos que três medalhas de ouro: as duas de Francesca Lollobrigida e a da equipa masculina de pista longa.

Com ele, é possível recordar como o movimento da patinagem no gelo italiana tem uma forte origem na «rua», e é inevitável, a poucos passos dela, a referência à Piazza Ariostea, para depois entrar nos pormenores do seu trabalho e na narrativa de episódios curiosos, como o empréstimo dos sapatos a Francesca para as cerimónias de entrega de prémios, uma vez que ela, por superstição, tinha deixado o uniforme específico «de pódio» na aldeia.

Conclui esta parte o Dr. Riccardo Tieghi da Unidade Operacional de Cirurgia Cranio-Maxilo-Facial da Azienda Ospedaliero-Universitaria S. Anna de Ferrara, destacado em Milão precisamente na sua especialidade, para eventuais intervenções decorrentes de confrontos nos jogos de hóquei, um novo pedido específico do COI para completar ainda mais a equipa médica. Felizmente, Tieghi não teve muito trabalho, podendo assim descrever uma máquina organizacional extremamente precisa, que operava com grande rigor e respeito pela ética profissional.

A noite terminou com o relato apaixonado da sócia e conselheira do Clube Rita Minarelli, que viveu os Jogos como voluntária em Cortina, como atestado pelo uniforme especial usado durante a noite, desde a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos no estádio de Curling, onde prestou o seu serviço, tudo acompanhado por fotos e vídeos desta experiência inesquecível.

Um jantar de confraternização, portanto, muito bem-sucedido, como reiterado pelo Presidente Internacional, a quem coube o encerramento, neste evento inserido na longa série que marcará o 75.º aniversário da fundação do Panathlon, em Veneza. E agora, para o Clube de Ferrara, é altura de pensar nos Prémios Panathlon «Atleta de Excelência, Estudante de Excelência», que em breve serão oficialmente lançados com o respetivo concurso de seleção para os melhores talentos do nosso território.



O Panathlon e o espírito paralímpico em Milão-Cortina 2026: a força além de todos os limites

A mensagem do Governador Stefano Ripanti

Os Jogos Paralímpicos de Inverno de Milão-Cortina 2026 não representam apenas um grande evento esportivo internacional, mas encarnam uma mensagem universal de inclusão, resiliência e dignidade humana. Nesse contexto, o papel do Panathlon International se insere com coerência e força, promovendo os valores éticos do esporte e contribuindo para difundir uma cultura baseada no respeito, na lealdade e na valorização da pessoa.

As Paraolimpíadas italianas, realizadas de 6 a 15 de março, contaram com a participação de centenas de atletas de todo o mundo, competindo em seis modalidades e unidos por um denominador comum: transformar a dificuldade em oportunidade.

A força dos paraolímpicos: exemplos de resiliência

Entre as figuras emblemáticas desta edição destaca-se Oksana Masters, uma das maiores atletas poliesportivas da história paraolímpica. Nascida na Ucrânia com graves malformações congênitas relacionadas ao desastre de Chernobyl, ela enfrentou uma infância marcada pelo abandono e pelas dificuldades, antes de encontrar uma nova vida nos Estados Unidos.

Apesar de mais de 20 cirurgias e inúmeras complicações físicas, Masters construiu uma carreira extraordinária, conquistando medalhas em várias modalidades, do remo ao ciclismo, passando pelo esqui nórdico e pelo biatlo.

Sua história não é apenas esportiva, mas profundamente humana: um exemplo concreto de como a vontade pode transformar uma condição de desvantagem em uma extraordinária oportunidade de superação.

A mensagem do governador Stefano Ripanti

A maior expectativa para um panatleta como eu era poder participar, como médico e esportista, do sucesso de um evento extraordinário como este. Expectativa essa ampliada pelo encontro com uma mulher e campeã única como Oksana Masters.

É justamente em histórias como a de Oksana Masters que o Panathlon reconhece o cerne de seu compromisso: promover um esporte que seja inclusivo, educativo e capaz de inspirar.

Numa época em que o esporte corre, por vezes, o risco de ser reduzido a espetáculo ou resultado, os Jogos Paraolímpicos relembram seu valor mais autêntico. O Panathlon, por meio de iniciativas culturais, eventos e projetos educacionais, contribui para difundir essa mensagem, sobretudo entre os jovens, para que o esporte se torne um veículo de crescimento pessoal e social.



Além da competição

Milão-Cortina 2026 deixa como legado muito mais do que um quadro de medalhas. Deixa histórias, rostos, emoções.

Deixa o relato de homens e mulheres que, com sua tenacidade, redefiniram o próprio conceito de limite.

Uma carta de gratidão à Itália

por Fabio Figueiras

O destino quis que a minha primeira experiência — não como espectador, mas como alguém que viveu os Jogos Olímpicos de Inverno — se realizasse na Itália, um país que me acolheu tão calorosamente. Viva a Itália! Viva o povo italiano!

Viva o Panathlon, que neste esplêndido país nasceu!

Ubuntu! Declarou a primeira mulher Presidente do Comité Olímpico Internacional no seu discurso — os seus primeiros Jogos Olímpicos como Presidente — uma palavra que ressoa profundamente em nós, precisamente porque encerra os valores que, como homem do desporto, sempre me guiaram: humanidade, respeito e unidade.

Procurando sempre fazer com que os valores desportivos prevaleçam sobre qualquer outra consideração.

O primeiro dia — o da cerimónia de abertura — não podia deixar de decorrer em Milão, uma cidade que me acolheu durante o meu mestrado em 2021. E o local, San Siro, não poderia ter sido melhor escolhido, pois trouxe à memória as inúmeras corridas matinais que fiz neste lugar extraordinário — hoje transformado num símbolo ainda mais significativo deste percurso.

O segundo dia, mais precisamente o sábado, foi dedicado à minha viagem para Livigno, onde a minha experiência olímpica começou de verdade.

Durante mais de duas intensas semanas de trabalho, tive o privilégio de respirar o espírito olímpico a cada momento. De viver de perto a essência dos Jogos — não só através das competições, mas sobretudo através das pessoas.

Atletas que personificam o esforço e a resiliência, dirigentes empenhados no desenvolvimento do desporto, altos dignitários conscientes do seu papel como agentes de mudança e, talvez acima de tudo, equipas e voluntários extraordinários, cuja dedicação tornou possível cada detalhe desta grande celebração.

Foram dias de aprendizagem contínua, de partilha e de inspiração. Dias que reforçaram em mim a convicção de que o desporto continua a ser um dos instrumentos mais poderosos para unir pessoas, culturas e gerações.

Regresso com um profundo sentimento de gratidão — para com a Itália, para com o Movimento Olímpico e para com todos aqueles que contribuíram para tornar esta experiência verdadeiramente inesquecível. Mais do que uma participação, trago comigo uma experiência de vida que marcará, sem dúvida, o meu percurso pessoal e profissional. Porque, no fim de contas, os Jogos Olímpicos não se resumem apenas à competição.

Têm a ver com as pessoas, os valores e o legado.



Prémio de Comunicação Panathlon 2024-2025 A importância de divulgar os valores e as atividades dos clubes

por Giacomo Santini, Responsável pelo Prémio de Comunicação



«Fazer e não comunicar é como não fazer». Este slogan inspirou, há alguns anos, o relançamento do Prémio de Comunicação do Panathlon International, numa altura em que explodiam as novas formas de informação online, as redes sociais, os telemóveis transformados em computadores portáteis e todos aqueles dispositivos eletrónicos que nos acompanham diariamente em todos os momentos do dia.

O Conselho Internacional simplificou consideravelmente o antigo formato do prémio até então proposto, indicando três áreas de divulgação para dar a conhecer as atividades dos clubes ou aprofundar temas relacionados com o desporto: cobertura por parte de emissoras de rádio e televisão, artigos na imprensa escrita e promoção de atividades informativas através dos vários canais das chamadas redes sociais.

Muitos clubes aceitaram o desafio e, imediatamente, multiplicaram-se as notícias enviadas ao gabinete de imprensa de Rapallo para alimentar a rubrica semanal, hoje muito seguida em todo o mundo. Alguns clubes começaram a produzir revistas online mensais com grande qualidade de temas, layout gráfico e documentação fotográfica.

Foi evidentemente reforçado, por parte de outros clubes, o empenho em envolver os meios de comunicação do seu território nos encontros mensais e nas atividades públicas, com a consequente produção de artigos de grande difusão e reportagens nas emissoras de rádio e televisão.

A consequência deste relançamento do Prémio Comunicação foi o envio de um volume extraordinário de material para participar na seleção para a atribuição dos prémios.

Henrique Nicolini, inesquecível promotor do Panathlon no Brasil e na América do Sul, ficaria entusiasmado com este empenho no jornalismo desportivo, do qual foi um intérprete extraordinário. Não é por acaso que Prémio de Comunicação Panathlon 2024-2025

A importância de divulgar os valores e as atividades dos clubes por Giacomo Santini, o Prémio leva o seu nome e é dedicado à sua memória e ao seu exemplo.

Voltando ao presente, foram oficialmente anunciados os vencedores do **Prémio Comunicação – Henrique Nicolini 2024/2025**, após a avaliação dos materiais recebidos pela Secretaria-Geral dentro dos prazos previstos no Regulamento.

O Prémio valoriza o empenho dos Clubes na promoção do Panathlon através de diversos instrumentos e linguagens comunicativas, capazes de relatar iniciativas, valores e projetos com eficácia, criatividade e atenção ao território.

O processo de seleção contou com a participação da Comissão de Avaliação, composta por Giacomo Santini, Responsável pelo Prémio de Comunicação, Luigi Innocenzi, Vice-presidente, Carlos De Leon, Conselheiro Internacional, Andrea Sbardellati, membro do CRC, e Filippo Grassia, Responsável pela Comunicação.

No final dos trabalhos, a Comissão identificou os projetos mais merecedores nas três categorias em concurso: na **categoria Imprensa e Meios Impressos**, o prémio foi atribuído ao Panathlon Club **Firenze**; na **categoria Internet/Redes Sociais**, foi premiado o Panathlon Club **Buenos Aires**; na **categoria TV e Rádio**, o Prémio foi para o Panathlon **Wallonie-Bruxelles**.

Os projetos selecionados destacaram-se pela qualidade, eficácia comunicativa e capacidade de interpretar plenamente o espírito do Prémio, oferecendo exemplos concretos de uma comunicação moderna, incisiva e capaz de gerar impacto. Através da imprensa, imagens, redes sociais, vídeos e conteúdos audiovisuais, os Clubes premiados souberam transmitir o valor educativo, ético e social do desporto, contribuindo para a difusão da cultura panatlética em contextos diferentes, mas unidos por uma mesma visão.

Na **categoria TV e Rádio**, o prémio atribuído a **Wallonie-Bruxelles** distingue documentários de grande valor promocional para o Panathlon. Ao dinamismo das experiências, sobretudo ligadas aos mais jovens, juntam-se slogans de forte impacto, inspirados na ética desportiva: «O fair play está em todo o lado e para sempre» e «O desporto não educa se não houver fair play». A difusão dos conteúdos nas redes televisivas belgas, graças também ao apoio da Lotaria Nacional, contribuiu para dar ampla visibilidade à mensagem panatlética.

Na **categoria Internet/Redes Sociais**, o Prémio atribuído em **Buenos Aires** reconhece uma comunicação viva e envolvente, capaz de colocar no centro os jovens e a sua participação ativa no desporto. Futebol, judo e golfe, com especial atenção também aos desportos para pessoas desfavorecidas, tornam-se instrumentos de inclusão, crescimento e partilha. Da documentação apresentada emerge um clima de festa, entusiasmo e participação, em que cada competição se torna uma ocasião de encontro e cada entrega de prémios celebra não só o resultado, mas sobretudo o empenho, o fair play e a alegria de estar juntos, ao abrigo do lema «Ludis lungit».

Na **categoria Imprensa e Meios Impressos**, o reconhecimento ao Panathlon Club **Firenze** premeia a qualidade e a continuidade da atividade de comunicação desenvolvida no território. Artigos, fotografias e recortes de imprensa documentam o prestígio do Clube e a sua capacidade de valorizar as iniciativas realizadas, dando visibilidade aos temas centrais do empenho panatlético.

Entre os temas mais significativos destacam-se o livro e o colóquio por ocasião do 70.º aniversário da fundação, as geminações com outros Clubes, a participação em maratonas, os aniversários de associações desportivas florentinas e o apoio a iniciativas dedicadas ao desporto para pessoas desfavorecidas, com mensagens de grande força como «O desporto muda-te a vida» e «Para além da meta: desafio aos preconceitos».

A cerimónia de entrega de prémios decorreu em Gand, na abertura do Jantar de Gala, no âmbito da Assembleia Extraordinária e do Congresso Científico, e representou um momento de encontro e partilha para celebrar os resultados alcançados e o valor das melhores experiências no campo da comunicação.

Foram expressas as mais calorosas felicitações a todos os Clubes participantes pelo excelente trabalho realizado e pela contribuição oferecida à difusão de uma cultura de comunicação cada vez mais eficaz, inovadora e fiel aos valores do Panathlon.

Áreas geográficas do planeta que se tornaram agora off limits

Artigo-entrevista de Luca Ginetto ao ex-piloto de motociclismo Gregorio Lavilla, hoje à frente da Superbike, sobre a situação dos grandes eventos internacionais e as consequências das guerras em curso



Grandes Prémios de Fórmula 1 cancelados ou remarcados, torneios de ténis ATP reestruturados, assim como o MotoGP. Em suma, áreas geográficas do planeta que se tornaram agora off limits.

Os conflitos internacionais estão a começar a ter repercussões no desporto mundial.

De momento, o circuito que menos está a ser afetado é o FIM WorldSBK; como nos confirma o CEO Gregorio Lavilla – ex-piloto espanhol de MotoGP – com quem nos encontramos em Perugia por ocasião do 80.º aniversário da Perugia Timing «L. Burini», os cronometristas da FICR que gerem toda a Superbike.

«Infelizmente, é uma situação difícil. Em primeiro lugar, porque há pessoas que morrem e, perante esta tragédia, o desporto é certamente menos importante – confessa Lavilla –, mas este é o nosso trabalho e temos de tentar continuar a fazê-lo. Talvez, porém, esta situação nos leve a refletir e a empenhar-nos mais em aproveitar a nossa grande visibilidade para transmitir aqueles valores importantes que são o respeito e o fair play; tanto para quem vem assistir às nossas competições como para quem nos acompanha de casa».

O mundo dos motores, tanto de duas como de quatro rodas, movimenta grandes interesses. Consegue a paixão prevalecer ainda sobre tudo isto?

“Acredito que esta nunca pode faltar. Tanto para os protagonistas, como os pilotos e as equipas, como para quem acompanha as competições como espectador. Certamente, para nós, é um trabalho. Somos profissionais que dão o máximo. Uma atividade árdua, cheia de sacrifícios e que nos leva a passar grande parte do ano a viajar pelo mundo. Não somos como aqueles que cumprem as suas oito horas no escritório e depois voltam para casa para junto da família. E para superar tudo isto, temos de ser movidos por uma forte paixão. O mesmo se aplica aos milhões de entusiastas e adeptos. Dedicam os seus dias de folga ou as suas férias para virem acompanhar-nos, fazendo por vezes grandes viagens às suas próprias custas. Mais paixão do que esta!”

Os desportos a estes níveis baseiam a sua subsistência nos patrocinadores e nos direitos multimédia, já não apenas televisivos. Continua a haver grande interesse económico em torno do Superbike?

“Devo dizer que estamos em boa forma neste aspeto. Por uma questão de segurança nas corridas, temos um limite de capacidade de motos nas várias categorias, mas, ano após ano, continuam a chegar pedidos de inscrição por parte de novas equipas. Considero que isto se deve ao facto de sermos a última grande mostra para as motos ou todos os acessórios que os fãs encontram depois no mercado. E isto leva as empresas fabricantes a quererem estar no nosso campeonato”.

Tem receio da inteligência artificial e de que forma esta poderá desempenhar um papel?

«Penso que as equipas e as empresas do nosso mundo já a estão a utilizar, sobretudo para criar simulações das várias situações e obter soluções. A componente humana continua a prevalecer, mas não há dúvida de que estamos a viver uma transição importante. Por isso, não temo. Penso que toda a revolução, mesmo tecnológica, deve ser vista como uma oportunidade».

Neste contexto, também o papel do cronometrista clássico mudou. Hoje, a equipa da Perugia Timing, na qual confiam há anos, vai além da simples medição de tempos e fornece uma gama de dados importantes para os diretores de prova e para as próprias equipas.

«É uma figura completamente transformada em relação ao passado. Hoje, a equipa de Perugia está na vanguarda mundial. Os transponders montados nas motos e ligados às centrais transmitem em tempo real para as boxes os dados sobre o estado da moto: temperatura do motor, pressão dos pneus, acelerações e desacelerações, o que permite perceber imediatamente se uma moto saiu da pista ou se o piloto caiu. Hoje, a inovação tecnológica permite ter os tempos por setor e volta a volta, bem como a comparação com os outros pilotos. Para não falar de toda a imagem gerada sempre pela Perugia Timing, que permite ao telespectador viver, momento a momento, o desenrolar das corridas. Com a equipa de Perugia, é um percurso contínuo de crescimento; entre nós e eles existe a vontade de experimentar sempre algo de novo num clima de grande colaboração, respeito e humanidade».



Para o Panathlon, é o momento de refletir

por Paolo Pizzi[1] e Domenico Ubaldi[2]

Nos últimos anos, o número de sócios do Panathlon registou uma diminuição significativa, em particular em Itália, que representa uma parte relevante do movimento internacional. Compreender as causas deste fenómeno é um passo imprescindível: sem um diagnóstico claro, não é possível elaborar estratégias eficazes para inverter a tendência e iniciar uma fase de crescimento renovado. No período de maior desenvolvimento do Panathlon, a base associativa provinha predominantemente do mundo do CONI. Muitos sócios tinham adquirido, desde a adolescência, experiências formativas e organizacionais nos oratórios, na Ação Católica e no escotismo, para depois ingressarem no mundo desportivo através de ASD, federações, entidades de promoção e do próprio CONI. Tratava-se, em grande parte, de figuras de autoridade, reconhecidas como representantes qualificados das respetivas disciplinas. O Clube constituía um contexto praticamente único de confronto entre diferentes desportos, numa época em que as Conselhos Municipais eram inexistentes ou marginais, e assentava numa sólida cultura associativa partilhada.

A partir de meados dos anos 70, algumas destas agências educativas fundamentais perderam progressivamente a sua influência. Os dirigentes desportivos formados nesse período cresceram num contexto cultural diferente, mais individualista e menos orientado para o voluntariado desinteressado. Paralelamente, a sociedade passou por transformações profundas, inicialmente lentas e depois cada vez mais rápidas, com uma crescente centralidade do egocentrismo e uma fratura geracional acentuada pela evolução tecnológica, que enfraqueceu o valor da tradição e da transmissão do saber, muitas vezes confundido com a simples informação.

O mundo do desporto também foi afetado por estas mudanças. A crise progressiva da figura do dirigente voluntário favoreceu o surgimento de modelos mais profissionalizados, dando origem a estruturas organizacionais profundamente diferentes em relação ao passado. Trata-se de uma transição ainda em curso, que não encontrou uma configuração definitiva.

Entretanto, mudou também a perceção social do desporto, que passou de um âmbito predominantemente competitivo e seletivo para um fenómeno de relevância social. O nascimento da Sport e Salute, a criação do Ministério do Desporto e a inclusão do desporto na Constituição representam o ponto alto de um percurso iniciado nas décadas anteriores.

Ao mesmo tempo, essas mudanças desencadearam uma revisão global da cultura desportiva, que nem sempre foi compreendida ou bem recebida.

Neste cenário, o CONI – histórico ponto de referência do Panathlon – foi reconduzido ao seu papel mais natural de garante do olimpismo, enquanto novas entidades institucionais assumiram competências relacionadas com as infraestruturas, a educação, os estilos de vida saudáveis e o valor social do desporto.



Os Clubes do Panathlon viram-se confrontados, de forma quase autónoma, com estas mudanças: a transformação da cultura associativa, a redefinição da formação de dirigentes, a perda de referências consolidadas e, mais recentemente, o impacto da pandemia.

Os novos sócios inseriram-se num contexto caracterizado por uma cultura desportiva diferente, interpretando as regras, os costumes, os ideais e os objetivos do clube de forma mais individual e menos representativa. Daí resultaram, em vários casos, fraturas internas e o afastamento dos sócios mais antigos, também por razões demográficas.

O resultado é um Panathlon percebido como menos atrativo do que no passado e, ao mesmo tempo, não totalmente em sintonia com as novas exigências do mundo desportivo e da sociedade.

Esta reflexão constitui o enquadramento necessário para abordar o tema do próximo plano trienal. Se a análise estiver correta, não estamos perante uma simples dificuldade temporária, mas sim perante uma verdadeira crise do sistema.

A estrutura do Panathlon International segue a de clubes de serviço conhecidos – Rotary, Lions, Kiwanis, Zonta, Soroptimist –, embora se distinga destes em termos de finalidades e independência[3]. No entanto, permanece por resolver uma questão central: quem é hoje o «membro ideal»? O dirigente desportivo, o ex-atleta, o jornalista, o representante político, o adepto, quem pratica desporto por bemestar, ou quem é apenas um consumidor mediático?

A nível local, o Panathlon é frequentemente pouco conhecido e a sua credibilidade não deriva da instituição em si, mas do valor dos sócios que compõem os clubes. É, portanto, na composição associativa que se deve concentrar a atenção. Igualmente incertas parecem as orientações operacionais: o clube deve ser divulgador ou testemunha, promotor ou realizador, protagonista ou facilitador, orientado para o social ou para os valores da competição?

Embora respeitando a autonomia dos clubes, seria desejável a elaboração de uma linha orientadora capaz de definir a sua identidade territorial e a sua programação. Também a estrutura organizacional do P.I. parece hoje pouco adaptada às mudanças em curso.

Faltam, além disso, dados sistemáticos sobre a idade dos panatletas e o tempo de filiação, incluindo os cargos de direção. É necessário um rejuvenescimento, mas dificilmente poderá concretizar-se apenas através do Panathlon Junior, cujo enquadramento permanece incerto.

Por fim, deve ser dada especial atenção ao desenvolvimento de uma sólida cultura associativa, baseada na partilha e na clara distinção entre função e pessoa, evitando derivas cooptativas que arriscam enfraquecer o sistema.

Em conclusão, afigura-se mais do que nunca oportuno iniciar, pelo menos no Distrito da Itália, um debate estruturado e partilhado sobre as causas do declínio registado nos últimos anos, com referência à missão do Panathlon, à composição dos Clubes e à estrutura organizacional da Área e do Distrito. Não faltam competências a nível nacional e internacional: é agora necessário definir uma metodologia de análise capaz de retratar a realidade e de elaborar uma estratégia de desenvolvimento sustentável.

[1] Promotor, fundador e Presidente Honorário do Clube de Senigallia, Dirigente desportivo de futebol, Presidente da ASD de esgrima, Fiduciário do CONI, Responsável municipal pelo desporto, autor da história desportiva da cidade

[2] Fundador do Clube de Fabiano e Senigallia, presidente da sociedade e dirigente regional/nacional de ténis de mesa, administrador e delegado do CONI, presidente da Consulta Sport Senigallia

[3] O Distretto Italia é uma «Associação Benemerita» do CONI, a par do «Comité Nacional Italiano para o Fair Play», do «Comité Italiano do Desporto contra a Droga», da «Federação Italiana do Desporto em Instituições de Atividades Educativas», da «Special Olympics Italia», etc...



Panathlon Club Perugia

Tudo se deve a um porteiro de hotel. Era o outono de 1954 quando, durante uma conversa de trabalho, um funcionário da recepção do Hotel Luna&Baglioni, em Veneza, contou ao seu amigo e colega do Grand Hotel Brufani, em Perugia, que há três anos tinha sido criada uma nova associação, semelhante ao Rotary, mas que se dedicava exclusivamente ao desporto. O diligente porteiro de Perugia dirigiu-se ao proprietário do prestigiado hotel do centro histórico, Giorgio Bottelli, e informou-o desta iniciativa. Algumas chamadas telefónicas, algumas reuniões preliminares com outros amigos desportistas e eis que, a 5 de dezembro de 1955, foi constituído o Clube n.º 23 entre os Panathlon italianos (para o Internacional, foi necessário esperar até 1960). Desde o início, o Clube de Perugia reuniu personalidades de destaque da cidade e assumiu um papel central nas políticas desportivas adotadas pelas instituições locais.

Depois de Bottelli, sucederam-se Giuseppe Taticchi, Remo Coppini, Dante Magnini, Goliardo Canonico, Mario Provvidenza, Marcello Carattoli, Alessio Burini, Carla Spagnoli, até à atual presidência de Luca Ginetto (que já esteve à frente do Clube n.º 1 de Veneza durante seis anos, de 2014 a 2019).

Foram muitas as iniciativas e os prémios atribuídos ao longo dos anos: destacam-se, acima de tudo, o «Prémio Giovanni Carattoli», reservado às jovens promessas, o «Prémio Giorgio Bottelli – Campeões no Desporto» e o «Prémio Giorgio Bottelli – Fair Play no jornalismo desportivo», que ao longo dos anos viu receber a placa especial nomes como Sergio Zavoli, Nuccio Fava, Candido Cannavò, Paolo Valenti, Fabrizio Maffei, Marino Bartoletti, até aos mais recentes Riccardo Cucchi, Marco Franzelli, Ivana Vaccari e, em 2025, Franco Bragagna. Por ocasião do 70.º aniversário, foi publicado o livro «Panathlon Club Perugia – 70 anos de cultura desportiva», escrito pelo Presidente Ginetto.

Os dois dias de destaque que marcaram as comemorações foram 5 de dezembro, com a cerimónia de gala do “Perugia Panathlon Day” no prestigiado Teatro del Pavone, e o jantar de gala que se seguiu, exatamente onde tudo começou: no Grand Hotel Brufani.

Estiveram presentes o Presidente Internacional Giorgio Chinellato, o presidente do Distrito da Itália, Giorgio Costa, acompanhado por três conselheiros, cinco governadores e oito presidentes de clube; bem como a delegada do presidente do CONI, a senhora deputada Elisabetta Lancellotta, a vereadora regional para o desporto Simona Meloni, o vereador municipal para o desporto Pierluigi Vossi e autoridades militares como o Questore de Perugia, Dario Sallustio, e o general Francesco Mazzotta, comandante regional da Guarda de Finanças.

No dia seguinte, realizou-se uma conferência nacional de grande interesse na prestigiada Sala dei Notari, organizada em colaboração com a Câmara de Comércio da Úmbria, intitulada “O Valor Económico do Voluntariado Desportivo”, com oradores de destaque como Rossana Ciuffetti, da Sport e Salute, Francesco de Nardo, vice-presidente nacional da CSEN, Alessandro Palazzotti, fundador e vice-presidente da Special Olympics Italia, o gestor desportivo Andrea Vidotti (com contribuição em vídeo), Fabio Pagliara, presidente da MSA Manager Sportivi e da Fundação SportCity, e, por fim, o comentador da RAI Franco Bragagna.

Em suma, a meta dos 70 anos foi alcançada; agora, novos desafios aguardam o Panathlon Club Perugia e tudo graças àquele curioso porteiro de hotel.





Panathlon Club Padova - 70 anos sob a bandeira dos valores do desporto

24 de janeiro de 2026 - O Panathlon Club Padova celebrou os 70 anos de atividade numa cerimónia institucional realizada no Palazzo Moroni, que percorreu os principais marcos alcançados pelo clube na promoção dos valores éticos e culturais do desporto.



Fundado há sete décadas, o clube organizou ao longo dos anos cerca de 700 encontros e recebeu mais de 800 oradores de renome internacional para aprofundar temas relacionados com o desporto e a sua função social.

Entre as iniciativas mais significativas contam-se projetos educativos nas escolas, como «1 hora para os desportistas com deficiência» — posteriormente reconhecido a nível europeu — e o «Projeto Desporto Limpo» para a prevenção do doping e a utilização correta de suplementos alimentares, com o envolvimento de alunos e professores.

Durante a celebração, foi recordada a importância de valores como o fair play, o respeito, a ética desportiva e a inclusão, pilares da missão panatlética que o Clube continua a promover no território e além-fronteiras. O convidado de honra do evento foi o campeão paralímpico de natação Francesco Bettella, presente para testemunhar o empenho no desporto inclusivo.

Uma «Vitrine Panathlon» para comemorar os 70 anos do clube de Cremona

No Infopoint da Câmara Municipal, na via Baldesio, foi inaugurada a «Vitrine Panathlon» por ocasião dos 70 anos do Panathlon Club Cremona. A iniciativa reuniu sócios e ex-dirigentes num momento de celebração dedicado a percorrer a história do Clube, entre desporto, cultura e valores de fair play que marcaram a sua atividade ao longo de sete décadas.

A exposição, aberta ao público, contou a trajetória do Clube desde a sua fundação em 1955 até aos dias de hoje, através de fotografias, documentos históricos e materiais comemorativos. Em exposição também a bandeira social e as Cartas dos Direitos da Criança no Desporto e dos Deveres dos Pais, símbolos dos princípios do Panathlon International.

Ao longo de 2025, o Clube promoveu ainda diversas iniciativas comemorativas, entre as quais «Un Po di salute», e publicou um volume dedicado aos 70 anos de atividade, que reúne as principais etapas e os prémios atribuídos aos desportistas da região.

Em colaboração com a Câmara Municipal de Cremona, prosseguiu também o projeto «Giocare gli Sport per Apprendere», que chegou à sua décima edição e se destina aos mais jovens, com o objetivo de promover o crescimento através do desporto.

A «Vetrina Panathlon» ofereceu aos cidadãos um percurso pela história de um Clube que, há setenta anos, representa um ponto



O Fair Play como estilo de vida”

É o tema do concurso jornalístico organizado pelo Panathlon Club Reggio Calabria em colaboração com o Istituto Técnico-Industrial Panella

Uma iniciativa a replicar em todos os Clubes

“Na escola do fair play para o fair play na escola, no desporto, na sociedade. Com um projeto didático que envolverá as turmas do 3.º ano do Istituto Técnico Industrial “Panella-Vallauri”, num total de 150 alunos, recomeçou a campanha do Panathlon de Reggio Calabria para a afirmação do ideal desportivo e dos seus valores.

A iniciativa, que coincide com os 75 anos de atividade do clube, é patrocinada pelo CONI, pela «Sport e salute» e pelo Comité Paralímpico. Foi apresentada durante uma assembleia realizada na sala de aula magna do Instituto, com a intervenção do Governador da área 8, Ludovico Malorgio, e do conselheiro internacional Antonio Laganà. A par do projeto, será relançado, pelo segundo ano consecutivo, o concurso «jornalista por um dia», tendo como tema o fair play como filosofia de vida, com as suas regras de civilidade que devem ocupar um lugar central na escola, a maior agência educativa, fundamental para a formação do pensamento.

Após a saudação da diretora Teresa Marino, a importância da ética em todas as experiências desportivas foi evocada nas intervenções do presidente do CONI da Calábria, Tino Scopelliti, do responsável pelo Comité Paralímpico, Antonello Scagliola, e dos dois atletas embaixadores do projeto: a nadadora Aurora Esabotini e o judoca e lutador Iuric Raviliuc, apresentados pelo mestre de karaté Riccardo Partinico. Os critérios e os objetivos do concurso jornalístico, que se inspiram nos estatutos do Panathlon International, foram ilustrados pela presidente do Clube, Irene Pignata, pelo Governador Ludovico Malorgio e pelo ex-correspondente da Rai (e ex-presidente) Tonino Raffa, que se deteve nos valores morais e culturais da informação desportiva, na especificidade da linguagem e na necessidade de esta se caracterizar sempre por uma boa clareza divulgativa.

Também para quem escreve, em essência, o fair play, com as suas regras de lealdade e respeito pelos outros, deve representar uma bússola indispensável. Uma forma de pensar e de comunicar sempre a verdade, distanciando-se das redes sociais que se tornam frequentemente receptáculos de insultos, ameaças, vulgaridades e provocações.

No debate que se seguiu, alimentado pelas perguntas dos estudantes, teve espaço a exaltação dos valores olímpicos, na esteira do extraordinário sucesso de Milão-Cortina 2026.

Recomendou-se a leitura crítica de jornais, livros e revistas, na consciência de que a atualização pode ajudar a conjugar melhor os ensinamentos formativos do desporto, a superar atrasos históricos e a colmatar lacunas metodológicas.

Os inscritos no concurso deverão apresentar os trabalhos até à primeira década de maio.

Os textos serão avaliados por uma comissão específica e os concorrentes a premiar serão anunciados durante uma cerimónia prevista para o final do ano letivo.

A presidente do Panathlon Club de Reggio Calabria, Irene Pignata, apresenta aos alunos do Istituto Técnico-Industrial Panella os objetivos do projeto fair play



Prémio de Literatura Desportiva «Sandro Ciotti»

Milão confirma a sua vocação de capital desportiva e cultural com a quinta edição do Prémio de Literatura Desportiva dedicado a Sandro Ciotti, promovido pelo Panathlon Club Milano.

Na histórica Sala delle Colonne, da Banca Popolare di Milano, a poucos passos do Duomo, o desporto lombardo contou a sua história através das páginas dos livros, entrelaçando memória, identidade e visão do futuro.

No centro da noite, três figuras emblemáticas do panorama desportivo: Giampaolo Ricci, capitão do Olimpia Milão, Vito Cozzoli, Administrador Delegado da Autostrade dello Stato, e Giuseppe Marotta, Presidente do Inter e autor do prefácio do livro de Cozzoli.

O Prémio Ciotti 2025 foi atribuído a «Volevo essere Robin.

Il mio viaggio fino a qui» (De Agostini), autobiografia na qual Ricci percorre o seu percurso humano e desportivo: desde as fragilidades da adolescência até à consagração no basquetebol de alto nível e na camisola da seleção italiana.

Não é um relato comemorativo, mas uma reflexão sobre o valor do grupo. «*Não esperava ganhar entre os 44 livros*», declarou o capitão biancorosso. «*Sempre gostei do Robin porque percebi que, no desporto e na vida, não servem apenas protagonistas, mas também quem trabalha um passo atrás*».

Palavras que refletem a essência do modelo: disciplina, espírito de equipa, responsabilidade partilhada.

Ricci encarna uma liderança silenciosa, construída sobre a ética do trabalho e a coerência. A sua vitória assume um significado que vai além do campo: é o reconhecimento de um desporto que educa, que forma caracteres, que transforma a experiência individual em património coletivo.

A par da dimensão autobiográfica, a noite valorizou o papel institucional e estratégico do desporto contemporâneo.

O **Prémio Respect** foi atribuído a Vito Cozzoli, autor de *L'anima sociale industriale dello sport*, Piemme Edizione, volume que analisa a dupla natureza do desporto: inclusão e coesão, por um lado, indústria e desenvolvimento, por outro.

Foi determinante o prefácio assinado por Marotta, presença central do evento. O presidente nerazzurro reiterou que «o desporto é uma escola de vida», não apenas objetivos e troféus, mas crescimento pessoal e responsabilidade educativa. Uma mensagem coerente com a tradição lombarda dos clubes como bastiões sociais e formativos.

Marotta sublinhou que o desporto deve continuar a ser um direito acessível, uma prática generalizada, uma oportunidade concreta para todos.

Uma visão que conjuga resultados desportivos e valores éticos, gestão empresarial e função social, num equilíbrio que Milão conhece bem.





No pódio também estiveram «Vertical. O romance de Gigi Riva», de Paolo Piras, e «The day after. O Grande Torino após o Grande Torino», de Vincenzo Savasta e Fabrizio Turco: obras que confirmam como a narrativa desportiva é guardiã da memória e instrumento de análise civil.

O Prémio Ciotti 2025, promovido pelo Panathlon Club Milano, presidido por Filippo Grassia e que chega à sua quinta edição, transmite uma mensagem clara: o desporto não é apenas competição.

É uma narrativa identitária, um motoreconómico, um laboratório educativo.

É a voz de um capitão que escolhe ser «Robin» e a de um presidente que apela à responsabilidade coletiva.

A noite assumiu uma dimensão internacional com a presença de livros de autores estrangeiros.



O espírito e os ideais

A Fundação foi criada em memória de Domenico Chiesa, por iniciativa dos seus herdeiros Antonio, Italo e Maria. Domenico Chiesa, que em 1951, além de ter sido o promotor, redigiu o esboço dos estatutos do primeiro clube Panathlon e que, em 1960, esteve entre os fundadores do Panathlon International, manifestou em vida o desejo, embora tecnicamente não vinculativo para os herdeiros, de destinar uma parte do seu património à atribuição periódica de prémios a obras artísticas inspiradas no desporto, bem como a iniciativas e publicações culturais que visassem os mesmos objetivos do Panathlon.

Na constituição da Fundação, a par da contribuição significativa dos herdeiros Chiesa, é de salientar a generosa participação de todo o movimento panatlético, através de inúmeros clubes, e o envolvimento pessoal de muitos panatletas, o que permitiu proporcionar à Fundação as condições necessárias para se estrear no mundo das artes visuais de forma prestigiada e marcante: a criação de um prémio realizado em colaboração com uma das entidades mais relevantes a nível mundo, a Bial de Veneza

Domenico Chiesa Award

O Conselho Central do Panathlon International, em 24 de setembro de 2004, tendo em conta a necessidade de aumentar o capital da Fundação e de honrar a memória de um dos sócios fundadores do Panathlon e inspirador da mesma, bem como seu primeiro financiador, deliberou instituir o «Prémio Domenico Chiesa», a atribuir, por proposta dos clubes individuais e com base num regulamento específico, a um ou mais panatletas ou personalidades não sócias que tenham vivido o espírito panatleta.

Em particular, àqueles que se empenharam na promoção do ideal desportivo e que deram um contributo excepcionalmente significativo:



À compreensão e promoção dos valores do Panathlon e da Fundação através de instrumentos culturais inspirados no desporto

Ao conceito de amizade entre todos os panatletas e todos aqueles que atuam na vida desportiva, graças também à assiduidade e à qualidade da sua participação nas atividades do Panathlon; para os sócios e para os não sócios, ao conceito de amizade entre todos os intervenientes do mundo desportivo, reconhecendo nos ideais panatléticos um valor primordial na formação educativa dos jovens

À disponibilidade para o serviço, graças à atividade prestada em favor do

Chiesa Italo - P.C. Venezia 20/10/2004
Pizzetti Martino - P.C. Parma 15/12/2004
Chiaruttini Paolo - P.C. Venezia 16/12/2004
Chiesa Italo - offerto Enrico Prandi 20/10/2004
Battistella Bruno P.C. Vittorio Veneto 27/05/2005
Ferdinandi Pierluci - P.C. Latina 12/12/2005
Mariotti Gelasio - P.C. Vald. Inf 19/02/2006
Prando Sergio - P.C. Venezia 12/06/2006
Zichi Massimo - P.C. Latina 06/11/2006
Yves Vaan Auweele - P.C. Brussel 21/11/2006
Viscardo Brunelli - P.C. Como 01/12/2006
Giampaolo Dallara - P.C. Parma 06/12/2006
Fabio Presca - I Distretto 15/02/2007
Giulio Giuliani - P.C. Brescia 12/06/2007
Avio Vailati Venturi - P.C. Crema 13/06/2007
Luciano Canavese - P.C. Crema 13/06/2007
Sergio Fabrizi - P.C. La Malpensa 19/09/2007
Cesare Vago - P.C. La Malpensa 19/09/2007
Amedeo Marelli - P.C. La Malpensa 19/09/2007
Ferdinando Petrone - P.C. Latina 10/12/2007
Vittorio Adorni - P.C. Parma 16/01/2008
Dora de Biase - P.C. Foggia 18/04/2008
Albino Rossi - P.C. Pavia 12/06/2008
Giuseppe Zambon - P.C. Venezia 18/12/2008
Maurizio Clerici - P.C. Latina 15/12/2008
Silvio Valdameri - P.C. Crema 17/12/2008
Enrico Ravasi - P.C. Varese 21/04/2009
Attilio Bravi - P.C. Bra 25/05/2009
Antonio Spallino - P.C. Como 30/05/2009
Gaio Camporesi offerto Enrico Prandi 21/11/2009
Mons. Mazza - P.C. Parma 15/12/2009
Mario Macalli - P.C. Crema 22/12/2009
Livio Berruti - Area 3 19/11/2010
Gianni Marchiol - P.C. Udine N.T. 11/12/2010
Mario Mangiarotti - P.C. Bergamo 16/12/2010
Mario Sogno P.C. Biella 24/09/2011
Mariuccia Lombardini - P.C. Reggio E. 19/11/2011
Bernardino Morsani - P.C. Rieti 25/11/2011

Roberto Ghiretti - P.C. Parma 15/12/2011
Fondazione Lanza P.C. Udine N.T. 17/12/2011
Giuseppe Molteni - P.C. Varese 17/04/2012
Enrico Prandi Area 5 11/12/2012
Sergio Allegrini - P.C. Udine N.T. 17/12/2012
Piccolo Gruppo Evolution - Polisp. Orgnano A.D. P.C. Udine N.T. 17/12/2012
Don Davide Larice - P.C. Udine N.T. 17/12/2012
Maurizio Monego - Area 1 31/10/2013
Henriker Nicolini - Area 1 Area 2 31/10/2013
Together onlus - P.C. Udine NT 30/11/2013
Enzo Cainero - P.C. Udine NT 30/11/2013
Giuseppenicola Tota - Area 5 11/06/2014
Renata Soliani - P.C. Como 12/06/2014
Geo Balmelli - P.C. Lugano 12/06/2014
Baldassare Agnelli - P.C. Bergamo 30/10/2014
Sergio Campana - P.C. Bassano 09/12/2014
Fabiano Gerevini - P.C. Crema 13/11/2015
Dionigi Dionigio - Area 5 06/12/2015
Bruno Grandi - P.C. Forlì 22/01/2016
Mara Pagella - P.C. Pavia 18/02/2016
Giancaspro Antonio - P.C. Molfetta 26/11/2016
Oreste Perri - Area 02 26/11/2016
Gianduia Giuseppe - P.C. La Malpensa 13/12/2016
Giovannni Ghezzi - P.C. Crema 14/12/2016
Roberto Peretti - P.C. Genova levante 26/01/2017
Magi Carlo Alberto - Distretto Ita 31/03/2017
Mantegazza Geo - PC Lugano 20/04/2017
Palmieri Caterina - PC Varese 16/05/2017
Paul De Broe - PC Brussels 28/01/2018
Vic De Donder - PC Brussels 28/01/2018
Buzzella Mario - PC Crema 28/02/2018
Balzarini Adriana - Distretto Italia 16/06/2018
Di Pietro Giovanni - PC Latina 27/10/2018
Guccione Alù Gabriele - PC Palermo 09/11/2018
Speroni Carlo - PC La Malpensa 13/11/2018
Dainese Giorgio - Area 05 26/10/2019
Bambozzi Gianni - Area 05 26/10/2019

Marini Gervasio - PC Latina 9/12/2019
Pecci Claudio - PC Como 12/12/2019
Lucchesini Giorgio - PC Altavaldelsa 16/12/2019
Facchi Gianfranco - PC Crema 18/12/2019
Marani Matteo - PC Milano 28/01/2020
Ginetto Luca - Venezia 21/10/2020
Porcaro Angelo - Pavia 06/05/2021
Landi Stefano - Reggio Emilia 10/05/2021
Albanesi Aldo - La Malpensa 25/05/2021
Dusi Ottavio - Brescia 21/06/2021
Muzio Ugo - Biella 23/10/2021
Beneacquista Lucio - Latina 25/09/2021
Migone Giorgio - Genova Levante 11/03/2022
Romaneschi Sergio - Lugano 16/06/2022
Pintus Patrizio - Como 16/06/2022
Sandro Giovanelli - Rieti 26/06/2022
Grassia Filippo - Milano 29/06/2022
Aschedamini Massimiliano - Crema 29/06/2022
Bernardinello Giovanni - La Malpensa 19/09/2022
Riguzzi Gianluca - Rimini 28/10/2022
Regione Piemonte - Area 03 01/10/2022
Stefano Baldini - Reggio Emilia 15/12/2022
De Angelis Mauro - Terni 17/12/2022
Mauro Miele - La Malpensa 21/03/2023
Luciano Manelli - Brescia 22/05/2023
Adone Agostini - Venezia 02/06/2023
Pierre Zappelli - Lausanne 14/06/2024
Francesco Schillirò - Napoli 21/06/2024
Luigi Ballani - Piacenza 21/11/2024
Alessandro Gaoso - Brescia 04/12/2024
Marco Villa - Crema 11/12/2024
Giuliano Razzoli - Reggio Emilia 18/12/2024
Roberto Paulon La Malpensa 23/09/2025
Stefano Giulieri Lugano 16/12/2025
Marco Riva Crema 22/12/2025
Antonio Laganà - Reggio Calabria 18/02/2026
Paul Standaert - Club Belgi 06/06/2026



Villa Queirolo
Via Aurelia Ponente, 1
16035 Rapallo (Ge) - Italy
Ph. 0039 0185 65296

info@panathlon.net
www.panathlon-international.org

